JORNAL DE 2ª FEIRA

JUNDIAÍ, 1 A 7 DE AGOSTO DE 1977
ANO III – N.o 110 – Cr$ 2,00

OS CATÓLICOS BRASILEIROS QUEREM SUA IGREJA DE VOLTA.
Pág. 10



JUNDIAÍ ESTÁ SEM TETO PARA MORAR

Pág. 8 e 9

O CIRCO, ESSA ARTE TEIMOSA.

Pág. 7



POLUIÇÃO:
A CIDADE MORRENDO AOS POUCOS

Pág. 16

ANÁLISE

A VOLTA DO MDB À TELEVISÃO

O AI-5 voltou a ser utilizado na semana passada, desta vez para vedar aos partidos a última brecha que lhes dava acesso ao uso gratuito do rádio e da TV, para pregação política: o dispositivo da chamada **Lei Falcão** *que assegurava aos partidos políticos a "promoção de congressos ou sessões públicas para a difusão do seu programa, assegurada a transmissão gratuita pelas empresas de rádio e televisão".*

Não houve surpresa na decisão do presidente da República, pois a possibilidade de que fosse tomada já vinha sendo anunciada pela imprensa. E nada houve de inusitado nas reações de MDB e Arena: como sempre, a Oposição protestou com veemência ("revoltante", "chocante", "retrocesso à República Velha", "perpetrou-se outro absurdo", etc., etc.) e a Arena justificou tudo com sua exemplar subserviência ("foi um ato de inspiração revolucionária", "a culpa é do MDB", etc., etc.).

Em resumo, apenas a repetição do processo já rotineiro: o governo pune, o MDB protesta, a Arena justifica.

Por isso mesmo, estender-se em comentários sobre esse processo seria talvez transferir ao público mais um fardo, repetindo argumentos que ele certamente já analisou em episódios anteriores. Até porque o mal maior não veio agora, mas com a própria **Lei Falcão**, *que retirou da grande massa eleitora o direito de saber, através do rádio e da TV, o que pensam e propõem os candidatos. Quem não se lembra do monótono, trágico desfile de retratinhos e insossos currículos na televisão, durante a campanha eleitoral do ano passado?*

No entanto, essa volta do AI-5 tem um aspecto que sai da rotina para cair no perigoso campo do imprevisível: cada vez mais, e em espaços de tempo cada vez menores, o governo altera leis e dispositivos que ele ou seus antecessores criaram. O que nos vai levando a ter novas leis a cada nova situação.

Isso certamente não gera segurança. Muito pelo contrário.

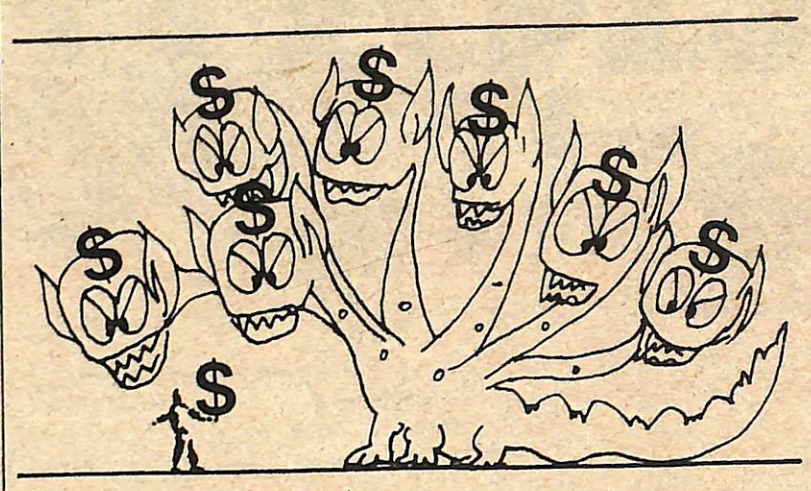
Equipe J. 2a.

A fala de Arinos

"Não há propriamente revolução na simples imposição da ordem material fora do Direito. Quando se alteram os fundamentos do Direito público e se conservam as bases tornadas obsoletas do Direito privado, de forma a impedir que a sociedade marcha, sem desvios nem desordens, ao passo do seu tempo, então, para usar a expressão de Joseph de Maistre, o que está se processando é o contrário de uma Revolução".

Essa afirmação foi feita pelo professor Afonso Arinos de Mello Franco, na quarta-feira, ao receber a medalha Teixeira de Freitas, do Instituto de Advogados Brasileiros, no Rio de Janeiro.

Arinos – que foi chanceler no governo Jânio Quadros – concluiu dizendo que "urge vencer a barreira do nada e reconstruir o Estado de Direito"



Culpa de quem?

O relatório n.o 47 do Instituto Gallup de Pesquisa de Opinião Pública conclui que "uma das principais causas da atual insatisfação da população com relação ao governo está no fato de se atribuir ao governo a responsabilidade pelo desequilíbrio entre o aumento do custo de vida e o poder aquisitivo da população". O Gallup conclui que "não se acredita que o governo esteja conseguindo conter eficientemente a alta dos preços, embora se admita que o governo está procurando tomar medidas destinadas a contê-los".

As perguntas que o Gallup fez foram as seguintes: 1 – "O sr. (a) acha que o governo federal está tomando medida no sentido de impedir a alta excessiva do custo de vida ou não? "2" – "E o sr. (a) acha que o governo está conseguindo controlar a alta dos preços ou não?"

As respostas: 51% acham que o governo **não** está tomando medidas para impedir a alta do custo de vida. 49% acham que o governo está tomando medidas. Mas desses 49%, 29% acham que o governo **não** está conseguindo impedir a alta do custo de vida. Só 20% acham que o governo está conseguindo.



Ademir, adeus.

Mestre Ademir vai embora.

E vai embora sem virar estátua, sem virar piada, sem deixar alegria, sem causar revolta: vai-se Mestre Ademir como sempre esteve, o jogador-lesma denunciado por João Cabral de Melo Neto, a lesma que se infiltrava aos poucos mas sempre, minando as forças do inimigo sem que o inimigo percebesse.

Desta vez o inimigo é o Monterrey do México, em comum acordo com o Dallas, a quem Ademir venceu em passadas largas e seguras, sem se impressionar com um presente de fim de carreira, olhando com indiferença os 3 milhões de cruzeiros, só aceitando o contrato depois de todas as minúcias atendidas. E sem uma lágrima pelo Palmeiras, sem um sorriso pelo fim de carreira milionário, sem uma única recusa de expor as pernas – até mesmo num amistoso inexpressivo, em São José dos Campos:

– As coisas têm de ser naturais, sempre naturais.

Assim como foram naturais os 5 títulos de campeão paulista que deu ao Palmeiras (1963, 66, 72, 74 e 76), os 4 de campeão brasileiro (67, 69, 72 e 73), ou os títulos de campeão do Carranza (69, 74 e 75). Em 16 anos de Palmeiras, Ademir não teve uma multa, um atraso aos treinos, uma distenção muscular, uma fratura, um torção de joelho, uma discussão – nem mesmo quando ficou na reserva de Hélio Burini, nem mesmo quando compraram Madurga para seu lugar, acusado de velho que já era.

Emoções? Ah, falem com Ademir sobre esses títulos todos, sobre o começo da carreira sofrida, sobre as acusações de lentidão ou velhice, sobre a gratidão/ingratidão do Palmeiras, sobre a Copa do Mundo da Alemanha.

A cena da convocação para essa Copa, Ademir jogando dez anos exilado da Seleção, a imprensa paulista gritando, a torcida do Palmeiras implorando. E, no dia da convocação, rádio ligado, sua mulher, Ximena, comemorando como se fosse um gol, chorando:

– Ademir, você foi convocado.

E Ademir distante da notícia, da alegria da mulher, comendo seu macarrão com panquecas, perguntando "é mesmo?", sem parar de olhar a televisão, onde acompanhava ao lado do filho Namir uma divertida história do Pato Donald.

Na volta da Copa, a imprensa gritando, Ademir – injustiçado nas manchetes, Zagalo odiado, a torcida clamando morte aos opressores da Seleção. E Ademir preferindo acabar com tudo, sem mágoas e sem queixas, arrumando lentamente uma explicação:

– Foi bom ver de perto uma Copa. Saí porque estava cansado.

Veio o Campeonato Paulista de 74, a final contra o Corintians, a vitória que liquidou Rivelino, e a foto reveladora exposta até hoje na secretaria do Palmeiras: Dudu pulando, Luís Pereira e Leivinha se abraçando – e Mestre Ademir sozinho, calmo e de cabeça erguida, indo para o vestiário.

Mestre Ademir vai embora. Simplesmente, já não tem mais o que fazer.

Roberto Avallone
(Chefe da Reportagem Esportiva do Jornal da Tarde)

Em Patos, acólito do Senhor é o Taurus 38

Em Patos, sertão ensolarado da Paraíba, monsenhor Levy Rodrigues tem a sua fama. "Politiqueiro", acusam os adversários (gente do MDB, sobretudo, à qual o sacerdote insiste em chamar de "comunistas"); "humilde protetor dos pobres", dizem alguns admiradores.

Na Rádio Espinharas, Levy, ou simplesmente **Lelé**, tem programa diário. Fala da sua paróquia, manda recados a fiéis e eleitores. E responde a ataques de inimigos, naturalmente. Há poucos dias, alertou um deputado emedebista que lhe movia cáustica campanha da tribuna da Assembléia:

– Se as críticas continuarem, assim duras, teremos que recorrer ao humilde acólito do Senhor: nosso Taurus 38.

Entre os cínicos da semana, o dr. Zezinho.

O troféu cinismo da semana ficou com os deputados José Bonifácio (sempre ele) e Agnaldo de Carvalho. Pressurosos em sair à cata de justificativas para o Ato Complementar n.o 104, que proibiu o acesso dos partidos à TV, Zezinho saiu-se com esta: "Quem saiu perdendo foi a Arena, porque não poderá responder à altura ao programa do MDB".

Já Agnaldo de Carvalho, conhecido laudista, disse, com não menos brilhantismo: "O governo até solucionou os problemas do MDB, que não tinha mais o que dizer à população ".

Democracia, só quando o calo dói.

No dia da abertura do XII Congresso de Bancos, em Manaus (o mais importante acontecimento econômico da semana), e logo após o presidente Geisel ter advertido os banqueiros sobre a necessidade de baixarem os juros, o presidente da Federação Nacional dos Bancos, Theófilo de Azeredo Santos, pediu uma "crescente democracia econômica, social e política", além de condições para uma "ampla participação da comunidade na condução dos destinos do País".

O discurso de Azeredo preocupou muitos banqueiros, pois foi interpretado como uma resposta política à advertência de Geisel. Mas já se esperava algo assim: de uns tempos para cá, sempre que o governo pisa no calo de certos empresários, eles despertam para a necessidade de democracia. Mas só quando o calo dói.

Fávaro torce para Ibis. Perder.

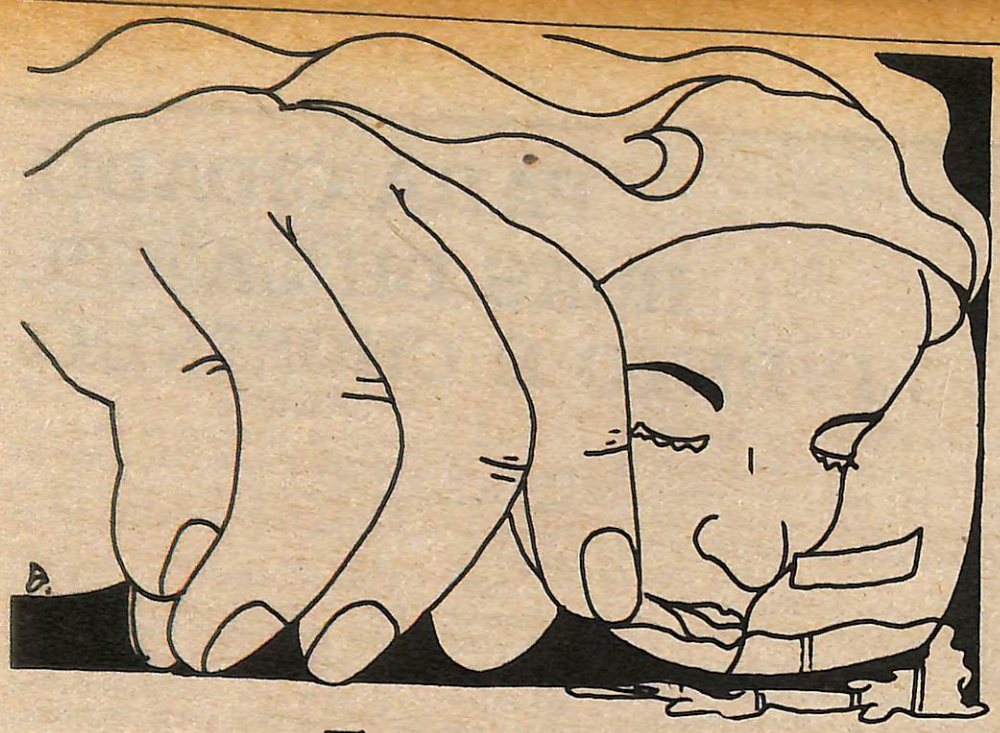
O prefeito Pedro Fávaro acha que não se deve tentar fazer nada para impedir a candidatura do ex-prefeito Ibis Cruz para deputado, "porque quando se tenta impedir alguma coisa, é aí que ela corre o perigo de crescer". Talvez o prefeito tenha dito isso baseado na sua própria experiência: em 1972, houve uma manobra na convenção da Arena para impedir a candidatura de Fávaro.

A manobra foi vitoriosa ele não teve legenda e Ibis se elegeu. Em compensação, em 76, Fávaro, martirizado, ganhou. Fávaro disse que não se opõe à candidatura de Ibis. Só se opõe à sua vitória.

JORNAL DE 2ª

DIRETORES
Ademir Fernandes
Erazê Martinho
Esdra Guimarães do Carmo
Francisco de Assis Oliva
Sandro Vaia
Sérgio Rondino
DIRETOR RESPONSÁVEL
Sérgio Rondino
REDAÇÃO
Ademir Fernandes
Carlos Kazuo Inoue
Erazê Martinho
Lêda Maria de Carvalho Cassins
Sandro Vaia
Sérgio Henrique de Souza
COLABORADORES
Antonio Araújo Vieira
Carlos Veiga
Inácio Araújo (Paris)
J. Germano
Mário Lúcio Marinho
Pedro Autran Ribeiro
Pedro França Pinto
Percival de Souza
ARTE
Alberto Inoue
Décio Denardi
FOTOGRAFIA
Renato Bezzan
COMPOSIÇÃO
Fátima Florêncio Trimboli
DEPARTAMENTO COMERCIAL
Representante:
Ivone Marchi Magalhães

O Jornal de 2a. Feira é uma publicação da Editora Japi Ltda.
Redação, Publicidade e Administração: rua Senador Fonseca, 1.044
Jundiaí – S.P.
CEP. 13.200 – Telefone: 434.8648
Composto e impresso nas oficinas da Editora Japi Ltda.
Os artigos assinados não refletem, necessariamente, a opinião do jornal.



Foi assim:

Conheceram-se em Ilhabela, num fim-de-semana comprido, desses com feriado na quinta, a gente queima a sexta. . .

A solidão dele, além, é claro, daquela inerente a todos nós, estava agravada por um rompimento com uma companheira de muitos anos de convívio. A dela, lhe pareceu logo quando a viu, era definitiva, fazia parte do seu ser. Talvez isso os tivesse aproximado, se é preciso haver algum motivo plausível para que duas pessoas se aproximem, ou para que jamais sintonizem.

Naquele dia, por acaso, ele estava menos só, menos sóbrio, as muitas cachaças do aperitivo que começou às oito e terminou na hora do almoço a lhe fazerem companhia, os santos espíritos do álcool a lhe acenderem a veia do humor, da música: ele dera sacadas inteligentíssimas a respeito de tudo e de todos, cantara e batucara nas mesas dos bares em companhia dos caiçaras, um companheirão. Conheceu-a à tarde, no fim da tarde, durante uma outra roda de violão e canções, quando todos começaram a aperitivar para o jantar que ninguém sabia onde seria, nem mesmo se haveria um jantar, "andar, andar que o poeta não necessita de casa" dizia um dos seus companheiros, e andavam e andavam de bar em bar, de violão em violão, passando da bossa-nova às canções italianas, coisas da época.

Acabaram jantando juntos, na casa dela, ele ressuscitado pelo sabor do feijão mineiro que a avó preparou e viu ser devorado enquanto enrolou seu cigarro de palha, mineira velha de hábitos tradicionais, o que não deve, de modo algum, ser entendido como velha da tradicional família mineira, ao contrário. Redivivo, conversaram, ele, ela, a velha avó, a senhora gosta de valsas? espera aí que eu vou pegar o violão lá dentro, lá menor, e ele cantou uma valsa antiga que a velha cantarolou junto, com voz grossa e rouca, era do seu tempo, como é que você sabe essas músicas? e riram os três, ele, a velha e ela. Ela, pela primeira vez desde que haviam se encontrado. Nem ela nem ele disseram nada a respeito, mas parecia que os dois gostariam de ficar ali para sempre, mansos que estavam, desaflitos, crianças felizes brincando com a avó, sem outro desejo do que o de ficar ali, "toda metafísica é uma questão de se estar mal disposto", sintetizaria Fernando Pessoa.

Mas logo chegaram os companheiros, os "Esteves", e ela e ele se deixaram levar para a praia escura sem lua, por onde caminharam até um lugar e se sentaram todos e cantaram todos, bossa-nova e canções italianas, coisas da época.

Ela precisava ir embora, voltar pra casa. Ele a acompanhou e beijaram-se na despedida. Um beijo que poderia se dizer fraterno, não tivessem Caim e Abel existido, ou talvez um beijo anterior a Caim e Abel, a.C. e a.A., um beijo sem tempo.

Por uma razão qualquer ela teve que deixar a ilha no dia seguinte, logo cedinho, sem se despedir de ninguém. E mesmo que tivesse algum tempo para despedidas, seria impossível despedir-se dele, não sabia onde encontrá-lo e jamais poderia encontrá-lo ali naquela construção, dormindo o sono pesado da bebedeira que tomara depois de se despedirem sem nexo, bebedeira pra ficar bêbado e dormir pesado, sem pensar, sem pezar.

Encontraram-se novamente cerca de um mês depois, já na cidade, numa festa. Não houve surpresa no encontro, como se tudo fizesse parte do script de uma telenovela ou de outro melodrama qualquer. Alegraram-se, simplesmente, quando se avistaram. Conseguiram um lugar isolado, sentaram-se, falaram amenidades e, de repente, como se o script prosseguise, tiveram uma idéia, fariam um pacto de sangue para serem sempre amigos. Pacto de índio de fita de cinema. Ela conhecia a casa, foi até o banheiro e voltou com uma gilete. Fizeram um pequeno corte em seus dedos indicadores e cruzaram a minúscula gota de seus sangues. Nada sério, nada tétrico, uma brincadeira apenas envolta, estranhamente, pelo mesmo clima da noite em que cantaram e riram em companhia da avó. E, como daquela vez, o clima foi subitamente alterado com a chegada dos companheiros e da festa até a sala onde estavam.

Por uma razão qualquer, nunca mais se viram depois dessa festa. Apenas três vezes o contato entre eles foi restabelecido, não pessoalmente, mas através de três cartões reproduzindo quadros de Matisse (entre as amenidades que conversaram, na festa, ela lhe dissera que gostava muito das pinturas de Matisse, cartões que ela mandou apenas assinado no verso, e com a data de intervalos maiores entre o segundo e o terceiro cartão.

Quatro anos depois do último cartão, ele teve notícias dela, ou melhor, viu seu nome num jornal, entre algumas dezenas de outros nomes, a maioria estudantes, numa lista divulgada pelas autoridades militares, depois de muito empenho de mães e da Ordem dos Advogados do Brasil. Leu o nome dela sem surpresa, como se tudo fizesse parte do script de uma telenovela ou de outro melodrama qualquer. Sentiu apenas uma vontade, de beber que já não sentia há tempos. Mas como, com aqueles enfermeiros vigiando o tempo todo?

Erazê Martinho

CIDADE

QUAL É O MACETE?

O "Jornal da Cidade", que "apoiou pública e notoriamente a administração Ibis Pereira Mauro da Cruz", abriu a sua página de frente para uma ofensiva de comunicados patéticos desencadeados em favor de certa negociação que seria encetada entre a Prefeitura Municipal e a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos – EBTU.

O título dos ditos comunicados, (vejam só), é "Precisamos Pegar o Fundo da EBTU".

Dessa premissa parte o autor para um churrilho de "argumentos" que demonstram franciscana pobreza no jogo das palavras a par de uma subjetiva dosagem de malícia no âmago das entrelinhas. Em lendo a arenga não se precisa de dar tratos à bola para pensar como o gaulês: "L'enfer est plein de bonnes intentions". Isso porque, pelo que tudo deixa entender a sua estulta paternidade, o intuito é inclinar disfarçadamente a administração municipal a admitir o retorno da Construtora Andrade-Gutierrez como executante continuadora do plano viário, criando, concomitantemente, clima propício ao proselitismo eleiçoeiro dos saudosistas do poder.

Analisemos, por despautério, algumas frases desse fórceps publicitário, com o qual pensam, por vias travessas, tanger a sensibilidade do prefeito:

1 – "Temos notícia de que o trabalho técnico que será apresentado à EBTU foi exaustivamente discutido pelos competentes técnicos do município".

2 – "Temos absoluta certeza de que o trabalho está muito bom".

3 – "A nossa preocupação é o problema de muitíssimas cidades do mesmo porte de Jundiaí, que estão pleiteando e pleitearão os insuficientes recursos da EBTU".

4 – Cobertura política e prestígio político, vamos ser claros, outros municípios também têm".

5 – Sabemos perfeitamente a ajuda e o papel preponderante que teve a Construtora que executou o plano viário para conseguir os empréstimos no passado".

Paremos por aqui para não tornar esta análise um relambório sesquipedal. Não sem dizer, porém, que os interesseiros que se alapardam na incógnita dos referidos comunicados, não poderiam ter encontrado um intérprete com maiores limitações vernaculares nem mais vasconço que o solícito autor dos parágrafos antes enunciados.

Vamos a eles, (aos parágrafos).

1 – Que "competentes técnicos" discutiram à priori o trabalho executado pela EBTU? E porque conservá-los no anonimato? Não dar ao povo o conhecimento dos seus nomes? Não nos assistirá, porventura, o direito de conhecê-los e julgá-los? E porque o plano de trabalho é da EBTU e não do município? E quem nos garante que esses mesmos técnicos cuja identidade nos está sendo furtada não são aqueles desconhecidos que deram parecer na concorrência do plano viário? Estarão pensando em nos vender de novo gatos no saco?

2 – Quem tem a certeza de que o trabalho está muito bom? Quem está se dirigindo à população através do jornal? Qual a sua autoridade para falar sobre assuntos que fogem à competência dos leigos? Ou os comunicados que não tocam na informação principal estão com endereço certo, isto é, são para o prefeito e não para a generalidade?

3 – Porque se preocupa com problemas de outras cidades que não nos cheiram nem fedem? E o que quer dizer com "os insuficientes recursos da EBTU"? A estrisenso, que querem dizer com essas algarávias?

4 – Cobertura e prestígio político outros municípios também têm". Que é que se entende nessa frase que morre numa reticência? Quem dá cobertura política à nossa cidade e a troco de quê? Haverá por aí alguém propugnando pelos nossos interesses políticos sem que o saibamos?

5 – "Sabemos perfeitamente da ajuda e do papel preponderante da Construtora para conseguir os empréstimos no passado". Vai aí uma confissão que para nós não é mais que a melancólica conformação daquilo que já sabíamos e por vezes fizemos público nestas colunas. Sempre repetimos que o sr. Ibis Cruz não desfrutava de prestígio algum junto ao governo federal. Quem deu fulcro político para o conseguimento dos malsinados empréstimos que vão nos custar duas gerações para pagar foi a Construtora Andrade-Gutierrez, como se depreende das próprias declarações do mensageiro anônimo. Esse pormenor por si só é uma confirmação tácita de tudo o mais que aqui temos dito. Foi contra esse inqualificável tráfico de influência que nos batemos numa briga de foices. Por saber e não aceitar o intrometimento de estranhos nos nossos negócios através de um prefeito mal orientado e alheio ao protestos populares.

Continua o missivista a sua arenga de encomenda nas colunas franqueadas do jornal que "apoiou pública e notoriamente a administração do sr. Ibis Pereira Mauro da Cruz":

6 – "Não é hora de discutir a filosofia do plano viário já executado. Não é hora de se discutir se os empréstimos foram oportunos ou não. Sabemos que existe boa vontade para nos ajudar".

Bolas! Quando é que seria asado discutir a tal filosofia? Quando seria oportuno apurar se os empréstimos pleiteados por estranhos interessavam ao município? Há boa vontade para nos ajudar. Ajudar no que? Boa vontade de quem?

O que esperam esses fariseus que se escondem nas brumas do anonimato? Que cruzemos os braços e fechemos os olhos ao passado?

Na conformidade com as notícias circunvagantes, para que a cidade possa receber o auxílio da EBTU, (80 milhões de cruzeiros), estaria condicionada à obrigatoriedade de se entregar, sem tussir nem mugir, à Construtora Andrade-Gutierrez os preconizados serviços em continuação às obras do plano viário por ela mesma iniciadas. Tratando-se de serviço público, não entendemos essa exigência. Por gritante, como é, força é dizer que ainda dependemos de maiores esclarecimentos quanto à sua veracidade.

A confirmar-se o boato, temos como certo que a Prefeitura não pode se submeter a esse jogo de cabra-cega. Primeiro, porque não é moral; segundo, porque não tendo contestado a ação popular que corre os escaninhos da Justiça contra a Construtora mais o sr. Ibis Cruz, praticamente a aceitou como boa. E se a aceitou como boa é porque faz coro com a Associação dos Engenheiros de Jundiaí que acusam um prejuízo superior a 60 milhões de cruzeiros resultante do julgamento tendicioso da Concorrência do plano viário.

Nestas nossas apreciações não entramos em particularidades, isto é, se o prefeito deve ou não aceitar o oferecimento da EBTU. Condenamos tão somente a forma vêsga de se entregar sem concorrência os serviços do plano viário a uma empresa apontada a dedo seja ela qual for. E o fazemos também em legítima defesa como contribuinte do erário municipal. Aguardemos novos comunicados até ver as coisas mais claras.

Entrementes, fica em pé a pergunta: Qual é o macete?

Elcio Vargas

A.H. MARS

Fique Sabendo

INPS – Os segurados que combateram na última guerra têm direito a aposentadoria por tempo de serviço com 25 anos de trabalho, depois de 60 meses de contribuição. Ex-combatentes são os que realmente participaram da Segunda Guerra Mundial, na Força Expedicionária Brasileira, na Força Aérea Brasileira, na Marinha de Guerra ou na Marinha Mercante. A prova é feita por meio de certidão dos ministérios militares.

CARTAS – A partir de 1.o de agosto, as tarifas postais em todo o País ficarão 18% mais caras.

TÉCNICAS DE CHEFIA – Curso coordenado pelo professor Samuel Braga. Dias 4 e 5 de agosto, no São Paulo Hilton. Informações: rua Jerônimo da Veiga, 428, conjunto 91, telefone 282.9615.

CEGOS – A Fundação para o Livro do Cego no Brasil (rua Dr. Diogo de Faria, 558 – Vila Clementino, telefone 549.0611) em São Paulo, oferece cursos por correspondência de Inglês e Português, dados gratuitamente a estudantes cegos. No caso de ensino da língua inglesa, o material de gravação segue o texto braille. **Quanto aos cursos dados em língua portuguesa, um curso de Gramática que está completo no que se refere ao aprendizado do idioma. Há também o Curso de Abreviaturas Braille da Língua Portuguesa, que ajuda o estudante a tomar anotações e lê-las com muito mais rapidez.**

MÉDICOS – De 8 a 11 de agosto, será realizado o VI Curso de Interpretação Clínica dos Exames de Laboratório, promovido pelo Hospital do Servidor Público Municipal, em São Paulo. Inscrições e informações: rua Castro Alves, 60, 11.o andar.

AVALIAÇÕES E PERÍCIAS De 11 de agosto a 29 de setembro, o Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia promoverá um curso de Revisão e Atualização de Engenharia de Avaliações. As aulas serão às 3as. e 5as. feiras, às 19h30, no salão nobre do IE, viaduto Dona Paulina, 80, 8.o andar. Inscrições e informações: das 12 às 19 horas, pelos telefones 37.9106 e 37.3661.

CONTABILISTAS – O Sindicato dos Contabilistas de São Paulo promoverá de 8 a 29 de agosto um curso de Legislação Tributária. Inscrições e informações: telefones . . . . . 239.0670 e 34.9962.

PARA CIDADE, RUAS DE LAZER, LIVRETO E CHORINHO.

O projeto das ruas de lazer, aprovado pela Câmara Municipal, teve apenas um veto do Prefeito no artigo 5, que relacionava antecipadamente quais seriam as ruas. O motivo foi muito simples: a designação dos locais cabe à Prefeitura.

Para isso, a Secretaria da Educação está convidando entidades, clubes de serviço e igrejas dos bairros para que proponham quais as ruas que devem ser transformadas para lazer. Depois disso, a secretaria avaliará as possibilidades de cada local. Caso o bloqueio dessas ruas não traga problemas ao trânsito e se os moradores estiverem de acordo, haverá a implantação.

O cuidado de consultar todos os moradores vêm das experiências realizadas em São Paulo, onde houve reclamações por causa do barulho, vidraças partidas e outros incômodos. E também para que eles se manifestem quanto às preferências das formas de divertimento. A partir daí, "quem tem que inventar é o povo", falou o secretário Flávio D'Angieri.

Terão mais chances de serem escolhidas as praças dos bairros em que se situam, funcionando para lazer a partir das 12 horas nos sábados e domingos durante o dia todo.

À princípio, o departamento de esportes enviará um professor de educação física que coordenará as atividades. E isso parece ser tudo de que dispõe a Secretaria. "A idéia é que o povo participe e tome conta das ruas de lazer", conclui Flávio D'Angieri.

O LIVRETO

Nos planos da Secretaria há também um livreto sobre Jundiaí. Para sua elaboração há uma equipe que vem coletando dados desde fevereiro na Receita Federal, IBGE e outras fontes.

"Será um índice sucinto, sem espírito comercial", fala D'Angieri, que explica sua necessidade: "nós recebemos cartas de todo o Brasil pedindo dados sobre Jundiaí, e a não ser livretos – daqueles que se a indústria não paga, não sai – e algumas fotos espalhadas, não tínhamos mas nada".

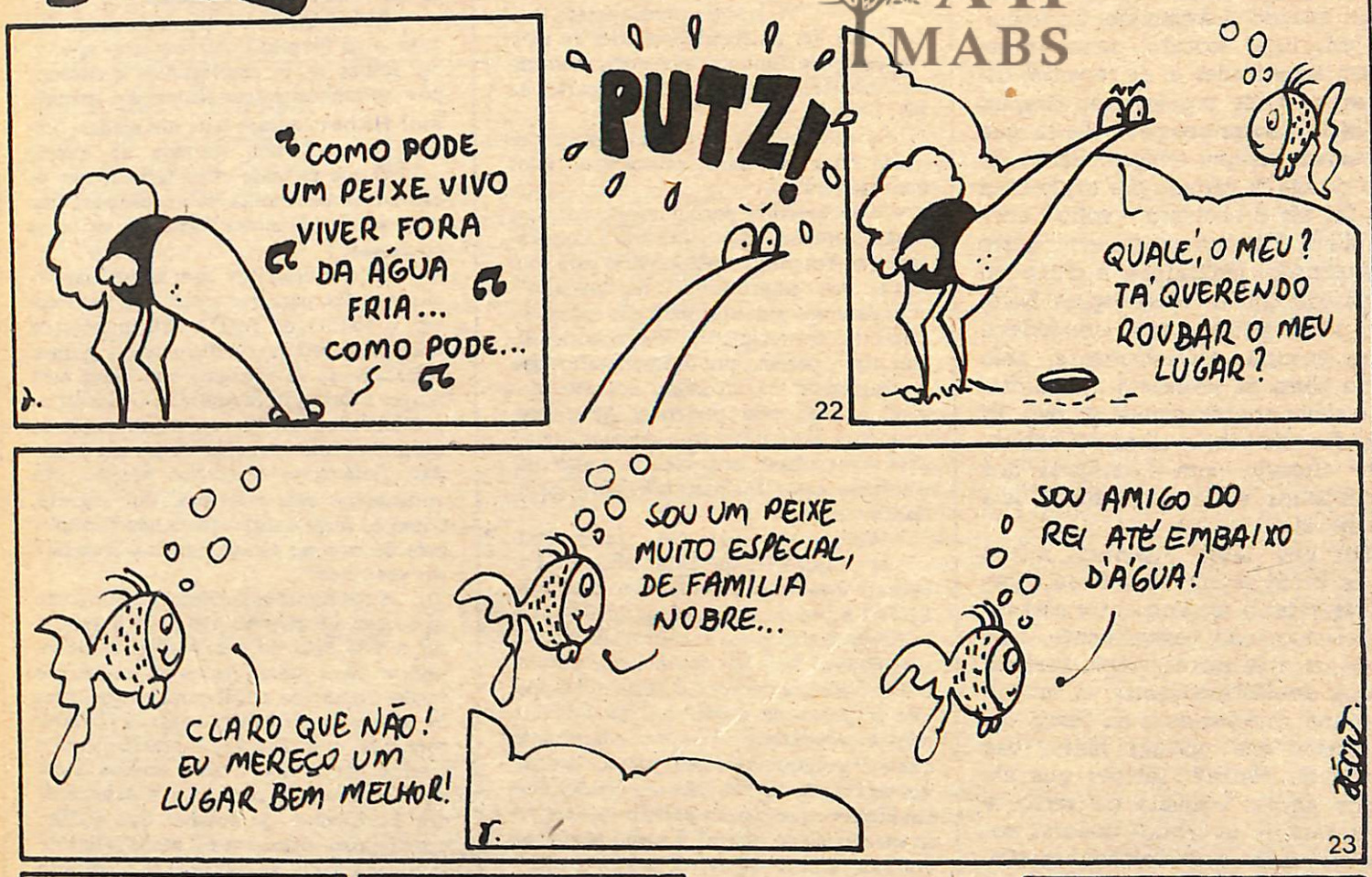
Então o livreto, um índice turístico e estatístico, além dos dados disponíveis juntos, conterá fotos como as de alguns detalhes em ouro do altar da igreja São Bento.

A edição, que terá cerca de 20 mil exemplares, será feita pelas gráficas do Estado e a distribuição, segundo D'Angieri, atingirá os colégios, autoridades e todos os interessados.

CHORINHO

Um show de chorinho com Altamiro Carrilho e outros músicos está programado para agosto no coreto da praça Governador Pedro de Toledo. "Um presente da Secretaria de Turismo do Estado", conforme diz D'Angieri.

A mesma Secretaria enviará a Jundiaí "material esportivo", que por enquanto não se sabe do que se trata. "O que eles mandarem nós vamos aceitar", fala D'Angieri, que esclarece como deverá ser a distribuição: "nós enviaremos para o Setor de Esportes que os ofertará como prêmio nas competições que venhamos promover".



AH IMABS

PUFS

Bermudez é uma ilha de paz pertencente ao governo peruano.

Santos Dumont descobriu que a torre Eiffel era mais pesada do que o ar.

14-Bis era o chocolate favorito dos irmãos Wright.

Fundo 157 é um poço de profundidade discutível.

MPB é o mais importante grupo revolucionário brasileiro.

Notre Dame foi um corcurda muito sinuoso.

Romeu e Julieta envenaram-se com queijo e goiabada.

Ato Unico é uma peça teatral impossível de ser criticada.

Desaquecimento da economia é tomar uísque escocês com muito gelo.

Vitória Régia foi a pior amazona de toda a Inglaterra.

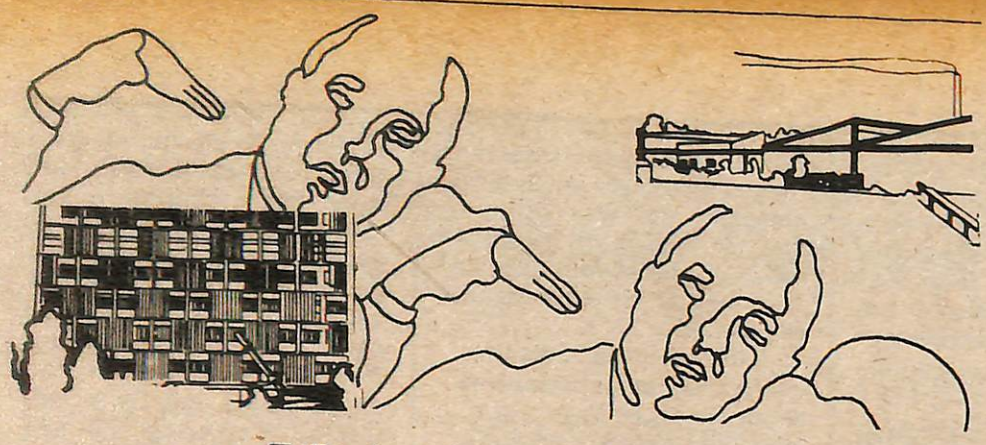
Alcaparra introduziu a Máfia nos restaurantes ítalo-americanos.

Carraspana é um bicho chato que se mata com álcool.

Carambola foi um tesoureiro viciado em sinuca.

Mutatis Mutandis foi o primeiro conjunto de rock romano a usar calça Lee.

Zarteu



Vida bucólica

Parecia que ia ser um bom dia. O satélite meteorológico NOAA 5 previu ventos fracos de latitude sul, pouca nebulosidade e temperatura em ligeira elevação. Para a Cetesb, a qualidade do ar estaria aceitável.

Levantou-se e tomou seu leite tipo B. Não fez como os outros dias, quando tomava seu comprimidozinho de Diabiguan, porque ficou sabendo, pela TV, que ele contém fenformina – um perigo. Passou margarina Becel no pão, e achou que desta vez eles exageraram um pouco nos acidulantes e nos corantes.

Chamou a mulher para dar-lhes as instruções corriqueiras do dia: recolhe meu PIS, recolha seu PASEP, junte o dinheiro e pague as UPCs da prestação do SFH da CEF. Passe pelo INPS, veja se já chegou a guia do Funrural e não esqueça de pagar a TRU, se não amanhã o guarda PM recolhe seu carro no pátio da DERSA. E depois, prá tirar o carro, só com autorização do DSV.

Ah, uma recomendaçãozinha mais: se for telefonar para a mamãe não converse mais do que 20 impulsos que este mês a conta da Telesp vai ser muito alta.

E chau. Foi pra o escritório. Quer dizer, primeiro foi para o carro. Abriu a pastinha 007 e verificou se estava tudo lá: RG, Carteira Nacional de Habilitação, Carteira Profissional, CIC, certificado de compra de ações – CCA – certificado de reservista, cartão do PIS, holerit, notificação do IR, cópia autenticada da última declaração de reda, escritura da casa registrada a fls. 40 do livro 43-A do 3.o Tabelionato de Registro de Imóveis da Comarca e adjacências, certificado de vacinanação dos filhos contra difteria, coqueluche, sarampo, febre amarela, paralisia infantil e amebíase, certificado de quitação do INCRA, tabela price de juros, atestado de antecedentes, folha corrida, atestado de residência, cartão de cliente preferencial da Arapuã, Credicard, Cartão Nacional, carteirinha do Clube da Boa Visão da Fotoptica, título de sócio-proprietário do Paineiras Clube, carteirinha do Corintians, exame médico da piscina, título de sócio do Motel Clube Minas Gerais, certidão negativa do Imposto de Renda e alguns trocados. É que ia fechar um negocinho, à tarde, e precisava estar com a papelada em dia.

Ligou o Maverick de seis cilindros, mas só quatro responderam. Deu a partida de novo, e conseguiu sair. Ficou em dúvida se iria pela Perimetral Norte, a Transversal Sul, a Radial Oeste ou a Longitudinal Leste.

Escolheu mesmo a preferencial e seguiu para o escritório. No caminho, lembrou que tinha esquecido de dar uma olhadinha no jornal. Não sabia como andavam as coisas na UnB, nem se a OAB havia se manifestado a propósito do AC-104, ou se eles ainda estavam lá pela altura do 87,88, pois afinal ninguém é de ferro. Preocupou-se também um pouco com a reunião da OEA, mas achou que, afinal de contas, a CEE tinha muito mais motivos para se preocupar, por causa daquela questão da OTAN. E a reunião da TIAR, em que pé estaria? Haveria ou não haveria concessões ao GATT? Ainda bem que a OPEP não estava metida nisso: ia acabar tudo em aumento de gasolina. Além disso, como é que a OUA poderia tomar uma posição, se nem a Frelimo, nem a MPLA nem a FNLA ainda não tinham chegado a um acordo? Absurdo.

Ao chegar no escritório, preocupou-se um pouco mais com as coisas terrenas. Depois de breves comentários sobre o PIB na reunião da diretoria, debruçou-se nas páginas econômicas do DCI e acompanhou, com interesse, o raciocínio do articulista que pedia uma reformulação geral do ICM, por causa das distorções provocadas pelo IPI. Mas não conseguiu concentrar-se muito na leitura, porque da rua subiam 97 decibéis de barulho, justamente quando ele se espantava com a variação inusitada do índice Bovespa, principalmente nas ações OP do BB, da Acesita, da Telerj, da Tibrás e da LTB. Ainda bem que com a CEMIG tudo correu bem.

No meio da tarde, começou a ficar enfastiado e pensou: qualquer dia levanto meu FGTS, me arranco daqui e vou mudar de vida.

À noite, para espairecer, pegou a mulher, foi para o cinema, comprou dois ingressos padronizados do INC e divertiu-se à larga com um filme financiado com resursos da Embrafilme. Antes, assistiu a um complemento nacional onde, com verbas do BNDE, a CESP mostra que, com ajuda do BNH, da CECAP, do CEAPE, do SENAI, do SESC, do SENAC, da SICON, da PLIACEL, da NORCHEM, da FEPASA, do II PND, da DVPAT, da SUDENE, da CONTEC, da FIESP, da CIESP e do FNEPSC, os operários de Ilha Solteira estão levando um vidão.

Sandro Vaia

PLANTÃO

I

Sobre as questões apresentadas ao longo das últimas duas semanas (violência, matar, morrer), vamos encerrar, neste "Plantão", a exposição do tema que durou quase um mês. E vamos aprender alguma coisa com o professor catedrático de Direito Penal da Faculdade de Direito da USP, Manoel Pedro Pimentel – que ocupa o cargo de secretário da justiça em São Paulo.

II

A legislação egípcia, conhecida através dos escritores gregos e romanos, e de repetições feitas nas glosas medievais, tornou-se mais acessível após a decifração dos hieróglifos. Soube-se que a pena teve, desde tempos remotos, caráter público e a sua imposição era feita pelos sacerdotes, quando não pelo faraó. Muito difundida, a pena de morte demonstrando que nenhuma preocupação havia no sentido de recuperar o infrator.

Entre os fenícios foi permanente o objetivo de castigar os crimes relacionados com a atividade comercial, por eles intensamente exercida. Comum a pena de morte, emprestando-se-lhe um certo sentido de prevenção geral, como aliás acontecia também entre os egípcios.

Assíria, Caldéia e Babilônia, conforme documenta de modo particular o Código de Hammurabi, datado de aproximadamente 2.250 anos A.C., adotaram a pena de prisão por dívidas, com redução à condição de escravo do devedor insolvente. As penas eram sempre impostas pelo Estado e comum a de morte por imersão e asfixia na água. Aplicavam também castigos corporais, mutilações espancamentos a bastonadas e multas.

III

O povo hebreu, cuja história foi melhor relatada, aplicou com prodigalidade a pena de morte, especialmente para punir os crimes de idolatria, sendo que a composição e a multa eram reservadas aos crimes contra o patrimônio, enquanto que os crimes de lesões corporais eram sancionados com a vingança do sangue, nos primeiros tempos,e depois,com a decomposição talional de caráter público. Quer no Pentateuco, quer no Decálogo ou no Talmud, encontram-se referências aos princípios éticos que dominaram o povo hebreu, sendo que neste último o livro IV é destinado ao tema penal e à reparação civil dos danos. O último livro do Antigo Testamento, que traz a Profecia de Malaquias, remarca o matiz de castigo que coloria a pena, porque este último profeta, que exerceu o seu ministério depois do cativeiro de Babilônia, enfatizava a ingratidão dos judeus para com o Senhor e diz que serão castigados, mas o castigo os purificará, preparando-os para a vinda do Messias. Sobreleva-se, assim, o caráter de castigo purificador que se emprestava à pena, tal como entre os hindus, sem qualquer consideração relacionada com a pessoa do infrator, excetuada a reconciliação com o Senhor.

IV

A Grécia – ensina-nos o professor Pimentel, em seu "Ensaio sobre a Pena" – empregou muito limitadamente a pena do encarceramento. A pena de morte, especialmente em Esparta, era frequente, e as demais sanções, como o desterro, os açoites, os suplícios físicos, as mutilações, eram empregados com o objetivo imediato de castigar e, mediatamente, de infundir terror entre possíveis imitadores.

Roma também adotou as penas exterminadoras, reservada a decapitação para os patrícios e a morte degradante para os plebeus. A crucificação foi largamente empregada para executar escravos. Além destas, outras sanções foram conhecidas, muitas das quais se executavam com requintes de crueldade, acarretando também a morte.

V

No meio de tanta desumanidade e crueldade, conta-nos o professor Pimentel, como um oásis no deserto aparece o pensamento de Sêneca, manifestando preocupação em atribuir à pena finalidades éticas superiores, como a defesa do Estado, a prevenção geral e a correção do delinquente. Disposições imperiais de Constantino ordenaram que as prisões, utilizadas em Roma para a punição de pequenos delitos, ao tempo do Império, se conservassem limpas e higienizadas e que os presos tivessem acesso ao ar livre pelo menos uma vez por dia.

Notável a influência do Cristianismo na evolução dos castigos, no fim da Idade Antiga. Não obstante, no Ocidente, e sob o seu signo predominante, a Idade Média viria a dar exemplos de crueldade extraordinária na aplicação das penas.

Os costumes dos povos bárbaros não diferiam muito dos que até agora vimos. É verdade que os germanos emprestaram relevo ao "Wergeld", ou "preço do homem", forma avançada de composição. Mas as penas dolorosas, cruéis, infamantes e exterminadoras também existiram em profusão.

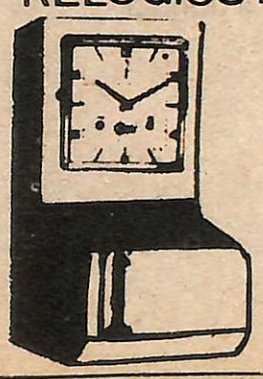
O tema é vasto. Encerremos observando que a expressão reeducação pressupõe a existência de uma educação anterior. Todas as pessoas são educadas, mas nem sempre o são adequadamente. Educar significa, etimologicamente, conduzir para fora (e – partícula da extração – ducare – conduzir). Educar é, pois, desenvolver o eu, sem o acréscimo de qualquer conotação doutrinária ou proselitismo teórico. Nesse sentido é possível dizer-se que o criminoso também foi educado, embora seja socialmente reprovado o resultado desta educação.

Percival de Souza

NOVIDADES Charme CALÇADOS ROSARIO.626

ASSINE O JORNAL DE 2a.

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL



REVENDEDOR AUTORIZADO

COMERCIAL PANIZZA LTDA.

BARÃO, 427 – FONE - 436.8231

TINPAR TINTAS E PARAFUSOS LTDA.

PARAFUSOS
PORCAS E ARRUELAS DE TODOS OS TIPOS
DOBRADIÇAS EM GERAL
DISTRIBUIDOR DE ELETRODOS ESPECIAIS.

Av. Dr. Cavalcanti, 742 – Fones, 436.4486 – 434.9099

ZONA FRANCA

NADA DISSO

Referindo-me à reportagem "O Crime Veste Farrapos", publicada por esse combativo e prestigioso jornal, em sua edição de 25.7.77, permito-me esclarecer-lhe que o que disse ser problema sócio-policial foi a invasão da cidade por falsos mendigos, pedinchões profissionais e irrecuperáveis, despejados, alguns, por viaturas oficiais, com placas de outras cidades, como, aliás, vem sendo fartamente noticiado.

Como problema de polícia nunca poderia ter incluído – e realmente não o fiz – os nossos irmãos sofridos, de mãos calejadas, que nos procuram, em busca de trabalho honesto, de melhores condições de vida e de escolas para seus filhos. Este, é óbvio, são dignos de todo amparo e carinho – e os têm, graças a Deus, em nossa querida Jundiaí.

Quando "as condições precárias em que vive uma grande parcela de nossa população", e às quais só mui remotamente se pode atribuir o aumento de criminalidade na cidade, são elas decorrentes do fato acima apontado. Grande parte dos migrantes que aqui permanecem – em sua maioria analfabetos e sem qualquer qualificação profissional – têm que se sujeitar a ganhos menores, sempre insuficientes para a manutenção de suas famílias, e vão, fatalmente, engrossar o número de nossos favelados. Só subsistem pelo auxílio que lhes dá a sociedade, através de suas inúmeras entidades de assistência. Problema que, a meu ver, nunca terá solução em âmbito municipal ou mesmo estadual, se não forem asseguradas as condições mínimas para a fixação do homem no campo.

Cabe-me, ainda, esclarecer que a imagem **victor-hugana,** de mendigos em disputa por um "beco sórdido" para dormir, nunca me ocorreu, nos breves momentos em que conversei com o inteligente repórter. Quer-me parecer, mesmo, que aqueles que não queiram recorrer ao SOS, para dormir de pijama, em cama limpa, abrigados após um bom banho quente e um fumegante prato de sopa, encontrarão, facilmente, espaço até limpo em que descansar os ossos. Afinal, graças a Deus, não temos aqui os problemas de um superpovoado Japão ou de uma Índia promíscua, e espaço é que não nos falta. **Danilo Octávio de Toledo.**

Sr. Danilo: por acaso lhe ocorreu que nem todas as palavras escritas na reportagem lhe foram atribuídas? Bem, o sr. alega não ter dito que todos os migrantes são casos sócio-policiais. Digo que sim. A Polícia, caro sr. Danilo, não serve apenas para perseguir, prender e, em alguns casos, trocar tiros com bandidos. Sobretudo, ela é uma instituição que visa proteger os cidadãos. Então, se um migrante passa fome ou se rouba, nesses dois casos o assunto não deixa de ser também da polícia.

Caso o sr. não saiba, os estudos realizados garantem que a economia brasileira, como se apresenta atualmente, é a única que se beneficia com essa migração interna. Explicando: a indústria precisa ter disponível o maior exército possível de mão de obra. Ora, qual mão de obra mais barata que a desses ~~probes~~ migrantes?

Sociologicamente falando, existe uma correlação muito íntima com a baixa qualidade de vida e os índices de criminalidade. E, apesar de serem boas as intenções, a atuação dos órgãos de assistência social, antes de serem poderosos instrumentos da profilaxia social, acabam contribuindo para a manutenção de um status-quo onde os trabalhadores não-especializados são sempre massacrados pelas altas constantes do custo de vida. E a fome, sr. Danilo, não se cura com "um fumegante prato de sopa", o frio não termina com um pijama e uma cama limpa.

Caro sr. Danilo, é admirável sua disposição em colaborar com o SOS. Mas o defeito é da estrutura sócio-econômica, que tem uma complexidade tão grande que paliativos apenas conseguem diminuir, momentaneamente, as consequências desastrosas dessa política. Realmente o sr. não falou sobre "a imagem victor-hugana". Esta foi de inteira responsabilidade minha, como o sr. pode ver no texto. Quanto ao adjetivo empregado para classificar minhas palavras, a cena está mais perto de nós do que a Paris que o sr. imaginou. Não temos ainda um "Pátio dos Milagres", mas pessoas vivendo em condições sub-humanas existem aos milhares. Carlos Kazuo Inoue.

Entre na corrente da segurança.



Faça seu dinheiro crescer sempre mais! Deposite agora na Caderneta de Poupança Habitacional APE.

Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranqüilidade.

Caderneta de Poupança Habitacional APE

Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434 - 2253

UMA NOITE NO CIRCO

Reportagem de Leda Cassins

Ao som de uma alegre música, o apresentador anunciou o início de mais um espetáculo, na última sexta-feira no Circo Siderama Pop, instalado na Vila Hortolândia. Um espetáculo especial, dizia ele, porque seria prestada uma homenagem ao palhaço Piolim. Ao lado do apresentador um quadro com duas fotos do palhaço, uma "pensativa" e outra "parecendo enxergar um futuro risonho", como disse o animador.

— Ele representa o nosso baluarte , a nossa bandeira, a nossa carteira profissional, pois todas as atividades têm seu homem-símbolo e Abelardo Pinto (Piolim) é o nosso.

É verdade que o animador se empolgou um pouco ao falar de Piolim, o que fez alguns espectadores reclamarem da demora no início do espetáculo. Mas logo a platéia — que tomava uma boa parte do circo, apesar da concorrência com as telenovelas — se animou mais: os palhaços **Capotão** Linguiça e Nelson entraram em cena, fazendo os espectadores participarem.

— Será que ele **guenta?**

— **Gueeentaaa** — respondiam todos, em coro.

Em seguida, o número dos "pratos que giram", com Paulo Adriano, e "a linda baianinha"; o atirador de facas, "Lady, a Rainha da Telepatia", "Metrinho e seus Bonecos" (ele é um dos quatro únicos ventríloquos existentes no Brasil); três crianças fazem números de contorcionismo e malabarismo, ao som de músicas de **jazz**. Voltam os palhaços, com suas ingênuas brincadeiras, e até os pequenos vendedores de pipoca, "maçã do amor" e outros doces param um pouco para assistir aos números. Chega a vez do "Show Pop 77", e depois, em meio a uma luz negra, quatro bailarinas com perucas brancas se apresentam. A platéia canta junto e grita. O espetáculo vai chegando ao fim. São quase onze horas, quando todos vão se retirando e um rapaz diz em voz alta, sorridente:

— É, a realidade está mais para isso do que para "Fantástico".







"Aqui todo mundo é tudo"

Ninguém tirava da cabeça daquele jovem eletricista que seu futuro estava na arte. Ele lutou até que, há quase trinta anos, conseguiu realizar seu sonho: ter um circo.

E Odilon Faria largou o emprego para iniciar a carreira que seus filhos continuam até hoje. A família Faria veio do Paraná para Jundiaí há 25 anos; há 18, o velho Odilon morreu, mas o circo não. Continua se apresentando, ora na Vila Hortolândia, ora em outro bairro de Jundiaí ou em alguma cidade vizinha. Terça-feira passada mesmo, o Siderama Pop foi para um local perto do restaurante Lago Azul para depois se instalar em Capivari. Muda-se de dez em dez dias. Costuma ir principalmente para o interior de São Paulo, mas às vezes chega até Minas, Mato Grosso e outros Estados do Sul do País. Os locais são escolhidos de acordo com "as safras", conta Crisóstomo, um dos donos:

— Por exemplo, em Piracicaba, depende da época da colheita da cana.

Além de Crisóstomo, o circo tem mais dois donos — seu irmão Crisóstenes e Joel Dias da Silva. E, além de Crisóstomo e Crisóstenes, a família Faria tem mais alguns artistas: Crisóstero, malabarista e cantor, entre outras coisas; Crisórgenes, que trabalha só em alguns dias da semana, pois é empresário do cantor Paulo Sérgio e toca órgão em seu conjunto Crisolde, professora do Sesi e de Educação Física (formou-se na Faculdade de Educação Física de Jundiaí); antes de se casar, conta um de seus irmãos, ela viajava com o circo, transferindo-se de escola para escola. E "nunca repetiu de ano", dizem os irmãos.

Crisóstomo é apresentador, motorista, músico e proprietário "aqui todo mundo é tudo", diz ele, sorridente.

Crisóstomo, Crisórgenes, Crisóstenes. . . por que esses nomes?

— O nosso pai gostava muito de grego — conta Crisóstero — e agora todos os filhos dos filhos também recebem nomes assim.

Eles trabalham das sete às onze, diariamente, fazendo sete apresentações por semana, além de outros trabalhos fora do circo, como solda, costura, encanamento, etc.

AS DESPESAS

— Tudo que uma casa comercial precisa para funcionar durante um ano, o circo paga de dez em dez dias; alvará, vistoria do engenheiro civil (mil e duzentos cruzeiros, cada), aluguel do terreno (cerca de Cr$ 3 mil), para o qual pagam o correspondente a um mês e só ficam durante dez dias. Sem falar em outras despesas, como a troca da lona, que deve ser feita de ano em ano.

Crisóstomo continua:

— A manutenção do circo fica em cerca de dezessete mil por semana. E todos os empregados são registrados como autônomos, recebendo um cachê semanal, que dá três mil por mês, em média, estando excluídas aí algumas despesas como aluguel e luz, pois todos moram nas carretas.

— A renda do espetáculo varia de 25 a 200 mil por semana com a cobrança de ingressos a dez (meia), vinte (inteira) e trinta cruzeiros (cadeira). Quase sempre a casa fica lotada (cabem 1.500 pessoas) e só alguma chuva ou vento muito forte é que espantam o público.

Há cinco anos, o circo interrompeu temporariamente suas atividades, pois Crisóstomo e Crisóstenes formaram uma dupla sertaneja — "Danilo e Daniel". Gravaram, queriam "tocar o negócio pra frente, daí foi cada um para um lado, trabalhar e conhecer outras coisas":

— Mas depois todo mundo voltou e o circo voltou a funcionar. Aquilo já estava no sangue — conta Crisóstomo.

Todos os irmãos são casados e, com exceção de Crisóstero, todos têm filhos. Três deles também trabalham no circo nos fins de semana — nos outros dias, estudam em Jundiaí. Quando o circo vem para Jundiaí, ou quando seus componentes precisam fazer pagamentos, alguma compra ou mesmo passear e visitar a mãe (dona Idalina), que mora com a irmã, eles ficam numa de suas casas (têm duas: na Vila Rio Branco e na Vila Cristo Redentor).

INCÊNDIOS

De vez em quando, acontecem problemas inesperados, como, por exemplo, os dois incêndios que ocorreram recentemente em julho de 76 e no começo deste ano. O prejuízo chegou perto dos 700 mil cruzeiros, segundo os donos. Mas isso não os desanimou, segundo Crisóstomo, pois, "com o povo vindo ao circo, pudemos recuperar tudo de novo e agora está tudo pago".

Nelson (Dodó) e Antônia Merenciano, Carlos Alberto Gonçalves (Mr. Nelson) e sua esposa, Ineide Gonçalves, José Guimarães (Linguiça) e a esposa, Tânia Maria, José Carlos Pinheiro (o Capotão), Joel Dias e Lourdes são os outros componentes do circo. Jundiaí? "Boa praça". Só que, diz um deles, "aqui não é que nem o interior (cidade bem pequena, ele quer dizer) onde o circo chega e toda turma vem ajudar. Aqui só podemos contar com um ou outro".

Mas o que talvez eles não saibam é que, no espetáculo de sexta-feira passada, um morador do bairro da Colônia foi até o circo, só para "matar a saudades" (ele não quis dizer o nome):

— Lembro-me de quando eles apresentavam "Blasco", lá no meu bairro, eu gostava muito. E um deles, o Crisóstomo, Crisóstenes, sei lá, cantava uma musiquinha engraçada, que dizia mais ou menos assim: "Ouçam meu cântico/ quase sem ritmo/ na voz de um tísico/ magro, esquelético/ poesia ética/ em forma esdrúxu... ah, não dá pra decorar, é difícil.

Sobreviver, um malabarismo.

Apesar da hipnose geral causada pelas cores multicoloridas da TV, o circo mambembe tem conseguido sobreviver mesmo nas cidades tomadas pelo "progresso" e "desenvolvimento".

Sobrevivência precária.

Verdadeiro malabarismo.

Assim mesmo, sabe-se que só na Grande São Paulo circulam constantemente mais de 100 circos mambembes, sobrevivendo ao tempo e às intempéries que roem as lonas velhas e gastas, o circo exerce em todos antigo fascínio.

Sua permanência efêmera produz em nós, pessoas condicionadas à idéia de estabilidade e segurança, uma sensação de sonho ou visão mágica de infância.

Assumindo todos os riscos de ser pobre e viver em trânsito, o artista de circo se torna o sofrido representante da luta cotidiana pela fantasia e encantamento.

Esse compromisso com a vida presente, essa batalha diária pela possibilidade de espetáculo e de alegria são intemporais e se identificam, talvez, com um antigo sonho humano de liberdade.

Nômade e despojado, tendo que improvisar a própria sobrevivência, o circo se mantêm, por isso mesmo, sempre novo.

Mônica Mattar Oliva

ARIEL S.A. IMP. e COM.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO EM GERAL
FERRAGENS E FERRAMENTAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
"EXPERIÊNCIA DE 25 ANOS A SUA DISPOSIÇÃO"
FONES: 434.5434 — 434.5234 — 434.2730
PÇA. DR. DOMINGOS ANASTÁCIO N.o 531

JUNDIAÍ, UMA
OS POBRES NÃO TÊM

Onde morar em Jundiaí tornou-se agora um grande problema para as pessoas de baixa renda, justamente aquelas que se transferiram para a cidade para atender à demanda de mão-de-obra nas indústrias. Atualmente existe um déficit muito grande de habitações, com os reflexos mais graves sobre quem pode pagar pouco por uma residência.

Os planos de casas populares existentes na cidade, o Parque ,"Elói Chaves" e os apartamentos que estão sendo construídos pela CECAP vão atender a faixas salariais de cerca de 7 salários mínimos. Mas existem muitos que recebem bem menos. Além disso, esses dois projetos, somados, vão dar apenas 794 residências.

Segundo o arquiteto Antonio Fernandes Panizza, coordenador de Planejamento da cidade, a situação habitacional da cidade está mais ou menos assim:

— Não disponho de dados concretos a respeito. Poderia dizer que acredito estar o prefeito Pedro Fávaro enganado quando falou que o déficit habitacional de Jundiaí gira em torno de cinco mil residências. Para isso, baseio-me no fato de que em 1972, o déficit era de duas mil casas e que, com o crescimento vertiginoso de Jundiaí, acho que esse deficit esteja por volta de oito mil. Mas não há dados para afirmar isso categoricamente.

Panizza disse que essas informações só poderiam ser levantadas com uma pesquisa sócio-econômica, o que não será possível no momento. Os gastos necessários para a contratação de pessoal estão acima das possibilidades da Prefeitura. Os dados que possui referem-se apenas às favelas:

— As favelas que a cidade tem ficam na Vila Maringá, com mais ou menos 80 barracos; Vila Rui Barbosa, com 220; Jardim do Lago; Jardim São Camilo, com 150; Jardim Santos Dumont; Vila Ana, com 80; Jardim Tamoio, com 85; Vila Esperança e Jardim Búfalo. No Jardim Trevo existe uma favela em formação.

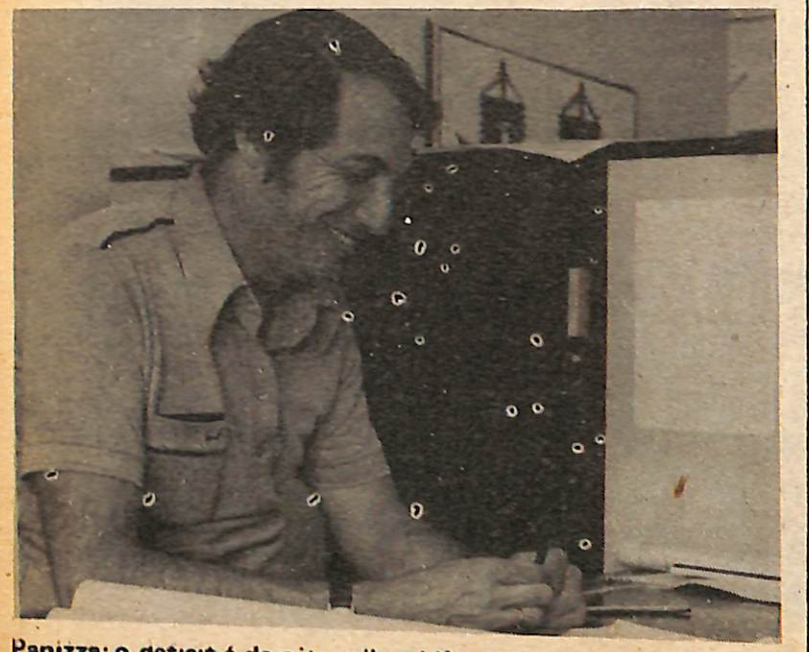
Segundo ele, a cidade tem uma quantidade muito grande de lotes desocupados. Dos 55 mil existentes, apenas 33 mil têm edificações. A solução seria acionar o setor privado e criar uma COHAB jundiaiense, nos mesmos moldes da que existe em Campinas. Além disso, acionar os trabalhos das diversas COHABs existentes, CECAP e Inocoop. Panizza concluiu:

— O importante é que construam em Jundiaí, porém de uma forma mais racional, para que não aconteçam problemas no futuro. E também não da forma como estão construindo o conjunto da CECAP na estrada velha de Campinas.

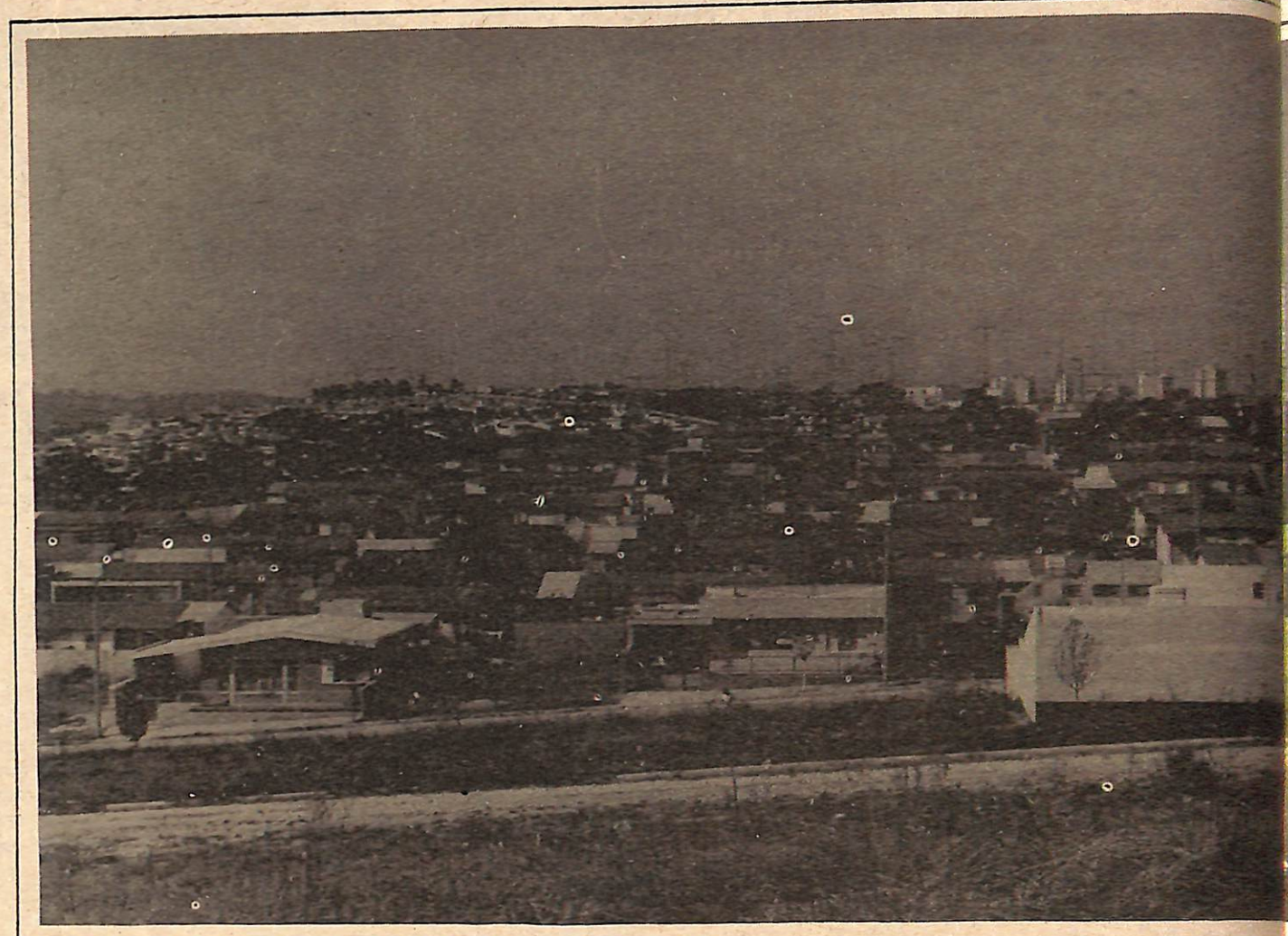
E o problema dos conjuntos habitacionais que estão sendo construídos não são apenas técnicos. O veterano corretor de imóveis Anselmo Baialuna disse que a maior procura para as casas de aluguel fica em torno de Cr$ 1 mil a Cr$ 2.500,00, o que fica abaixo das prestações dessas casas.

Com isso, não se pode dizer que o problema habitacional para a classe que mais necessita esteja sendo resolvido. Pelo contrário. O prefeito Pedro Fávaro, sempre que se refere ao problema, cita a Vila Alvorada como um modelo ideal para as casas populares, já que há prestações até de Cr$ 23,00. Foi inclusive, na época, promulgada uma lei que autorizava a Prefeitura a estabelecer convênio com a COHAB - Campinas para a construção de novas casas populares. Mas isso não aconteceu.

Então, o Distrito Industrial começou a ser implantado, as indústrias começaram a exigir mão-de-obra e veio o desastre. As pessoas que vieram para trabalhar começaram a enfrentar problemas de moradia. Quem tinha dinheiro, conseguiu casa. Os operários mais humildes, a maioria sem especialização, ficaram sem teto.



Panizza: o deficit é de oito mil residências



A Vila Alvorada começou a resolver o problema.Só começou.

Na Vila Alvorada, a felicidade de morar pagando Cr$ 23,00 por mê

No meio da poeira que levanta das ruas sem calçamento, as crianças de uniforme branco descem uma das ruas da Vila Alvorada, vindas do grupo escolar existente no bairro. Chutando latas, cantando, brincando de corre-corre, nem ao menos notam as pessoas que passam pela rua, volteada de casas simples, de telhas de brasilit. Nos seus dez anos de existência, a Vila Alvorada pouco mudou, com exceção de alguns moradores mais afortunados que conseguiram modificar suas casas, instalando grades de ferro, aumentando um comodo ou pintando as fachadas com tintas de cores bem vivas. E nem mesmos cores mais "berrantes" chegam a desviar a atenção daquelas crianças que alegremente enfrentam a poeira que sai do chão à passagem de cada automóvel. Essas crianças, que escondem a sua pobreza sob a capa branca do uniforme do grupo escolar, são filhos dos muitos operários que por volta de 1967 foram recolhidos pela Prefeitura para ocuparem a Vila Alvorada, recentemente construída.

À medida que vai descendo a rua, o grupo de escolares fica menor, as crianças aos gritos de despedida para os coleguinhas, entram nas suas casas. Como um típico bairro operário, as mulheres permanecem nas calçadas nem sempre cimentadas, conversando alto. Aquelas mulheres, vestidas com roupas rotas e desbotadas, gostam do bairro que vivem? A resposta é unânime: sim. A mulher gorda, sem dentes, não perde tempo e defende a vila: "ela é boa porque aqui só tem pobre; quando vier gente rica então não vai ser como antes".

COMO É A VILA

As ruas da Vila Alvorada não são calçadas, a iluminação é feita por bicos de luz e as casas construídas com simplicidade. Para o vendedor de frutas e legumes, Talcino Rodrigues, que mora na vila desde a sua fundação, as casas foram bem construídas,"se bem que os comodos são um pouco pequenos" Mas esse problema, à medida que os moradores arrumam um dinheiro, é sanado: eles constroem comodos nos fundos ou aumentam suas casas.

Todos gostam da vila e chegam a dizer que não falta nada ali. Tem ônibus de dez em dez minutos para a cidade, água encanada, luz e esgoto. Francisco Mizael, 68 anos e pai de 14 filhos, afirmou que não venderia sua casa por nada nesse mundo, "porque pobre quando arruma um lugar tão bom quanto esse prá morar não deve ficar procurando sarna prá coçar. Eu sou um homem rico, meu filho, e além [illegible] com o lugar. Não tenho queixas".

Apesar das declarações otimistas dos m[illegible]es, a vorada não parece ser um lugar tão excele[illegible] viv das ruas poeirentas, muitas casas não têm[illegible] e Apesar de não saber direito o que é qual[illegible]e vi Maria José Ramos Benjamin acha que o [illegible]nde muito bom. Ela morava antes na Ponte São[illegible]e pa guel, "um dinheiro sofrido, que ia embor[illegible]ent mais". Atualmente, ela paga Cr$ 23,00 de[illegible]ção que só será sua daqui há uns dez anos.

A casas da vila são pequenas e variam [illegible]anh dois tres e quatro comodos. Mas a grande [illegible]em, os moradores, é que as prestações que pa[illegible] pe nunca passam dos cem cruzeiros por mê[illegible]s, a considerada como um lugar afastado do cen[illegible] cid atualmente a situação mudou e à sua v[illegible]meç construídas residências mais sofisticadas. [illegible]do F Mizael, um lote de terreno perto da vila [illegible]oje cento e vinte mil cruzeiros e isso ajudou a [illegible]r ba casas dos operários.

— Hoje posso dizer que sou rico – di[illegible]ncis que tenho minha casa própria, uma peru[illegible] e r mília ajeitada. E digo ainda com sincerid[illegible]ças Fávaro.

Apesar das casas pequenas, ninguém [illegible]das. ções. Talcino Rodrigues faz questão de de[illegible]ro q soube de casa que tivesse problema de r[illegible]as. quentinhas, forradas e de boa construção"

São quase onze horas da manhã e a [illegible]Tal drigues vai embora, parando de casa em[illegible]tend pedidos das mulheres e fazendo suas ven[illegible]pé d meio quilo de tomate, algumas bananas e[illegible]. As que saiam da escola já não estão no meio[illegible]om formes brancos. Na rua das Palmeiras, u[illegible]. T fala de futebol, em frente ao Açougue [illegible]lui é unânimes quando defendem a vila: "moç[illegible]lade so, perto dos lugares em que a gente vivia[illegible]xiste so ou não, o certo é que na Vila Alvora[illegible]co. desocupadas e tem até posto de atendime[illegible]ncip Uma só: falta policiamento mais efetivo n[illegible] Vila perto do grupo escolar. No mais, tudo va[illegible]ecto da. Resta apenas que a Prefeitura melhor[illegible] bairro e acabe com a incomoda poeira. (S.

CIDADE ONDE MAIS ONDE MORAR.

E os aluguéis começaram a ficar caros

O veterano corretor de imóveis Anselmo Baialuna, que está no ramo desde 1941 (montou escritório somente em 1955) disse que a venda de imóveis enfrenta uma retração desde 1974. Em compensação, a procura de casas para alugar aumentou, sobretudo por pessoas que vêm morar em Jundiaí.

– Por causa dessa procura – falou Baialuna – o aluguel está se elevando. Nós procuramos sempre estabelecer um preço justo. Levamos em conta o valor real do imóvel, suas condições e a localização. Nós fazemos os cálculos, mas os proprietários sempre pedem mais do que imaginamos.

Essa situação, segundo ele, é provocada pelo fato dos proprietários decidirem seus imóveis depois de consultar alguns corretores. "A culpa é dos **picaretas** – sentenciou Baialuna – que sempre dão preços mais altos do que o real".

Baialuna sabe que a cidade enfrenta um grande déficit habitacional, que em parte está sendo suprido pela construção dos grandes conjuntos residenciais:

– O Parque "Eloy Chaves" tem casas bonitas, mas é distante da cidade. Estou tratando do aluguel de algumas delas. Os grandes interessados moram em São Paulo. Para eles, sair daquele movimento para vir morar num lugar tranquilo como o Parque é uma delícia. E lá já tem verdureiro, leiteiro e padeiro atendendo os moradores com carrocinhas.

Ele também tem atendido pessoas interessadas no conjunto habitacional que a CECAP está construindo perto da sede de campo do Clube Jundiaiense. Diz que ficará muito bonito, mas vai precisar ônibus, como já existe no Parque "Eloy Chaves", e resolver o problema da água e esgoto.

No seu escritório de corretagem, aparecem muitos interessados em casas no Parque Brasília, Jardim Planalto e Vila Alvorada, bairros próximos do Distrito Industrial. Baialuna explica o porque:

– Apesar da crise que existe, Jundiaí está crescendo em todos os setores. O progresso mais acentuado da cidade está nas proximidades do Distrito Industrial. A vila Hortolândia, por exemplo, já começou a ter os aluguéis das casas elevados. Também está crescendo muito a região entre Jundiaí, Várzea Paulista e Campo Limpo, que já estão praticamente interligados.

A solução para a inflação que está ocorrendo por causa da grande demanda de mão de obra, para ele, são as casas populares:

– Têm que ser casas realmente populares. Acho excelente para resolver – finalizou Baialuna, cujos clientes, na sua maioria, querem residências que custem entre Cr$ 1 mil a Cr$ 2.500,00 por mês.



Baialuna: aluguel mais caro



CECAP: projeto de Cr$ 83 milhões.

Os 576 apartamentos que a CECAP está construindo nas proximidades da sede de campo do Clube Jundiaiense vão demorar ainda cerca de um ano para serem concluídos. Quem disse isso foi o engenheiro Fernando Ungaro, responsável pelo órgão em Jundiaí.

Cada apartamento terá três quartos com armários embutidos, sala, cozinha, área de serviço e banheiro, tudo com piso vinílico, dentro de uma área de 60 m2. O custo total da obra ficará em torno dos Cr$ 83 milhões. E não se sabe ainda o preço de cada unidade, mas o engenheiro Ungaro acredita que se destinará aos industriários que tiverem uma renda entre 7 a 8 salários mínimos.

As vendas deverão ser efetuadas através do sistema próprio da CECAP, com um financiamento da Caixa Econômica Estadual. Mas isso depende ainda de uma manifestação oficial do departamento de comercialização do órgão, que ainda não enviou nada ao responsável jundiaiense.

Ungaro explicou que o problema de infra-estrutura que o conjunto está enfrentando, não deveria estar acontecendo caso se concretizasse a promessa do ex-prefeito. Mas a Prefeitura, em novas mãos, enviou um ofício à CECAP informando que não tinha condições de arcar com as obras.

Segundo Ungaro, é praxe da CECAP pedir as obras de infra-estrutura, que compreende água, esgoto e energia elétrica, às Prefeituras das cidades onde vai construir. Assim, o preço das casas fica menor, facilitando a aquisição. Mas houve problemas e a prefeitura de Jundiaí, que se encontra completamente individada, não pode estender a rede de esgoto e água até o local, que fica distante da existente.

O engenheiro explica que estão aguardando uma decisão sobre o que deverá ser feito. Mas ele garante que até a época da entrega dos apartamentos, o problema estará solucionado. E não afasta a possibilidade até da SABESP se encarregar da infra-estrutura.

As rápidas vendas do Parque "Eloy Chaves"

Depois de vender e entregar as 218 casas construídas no Parque Residencial "Eloy Chaves", no trevo de Itupeva da rodovia Marechal Rondon, a Concic Imobiliária já conseguiu muitos compradores para o seu segundo projeto, que leva o mesmo nome.

Agora já não são aquelas casas simples, que custaram cada uma de Cr$ 170 a 194 mil, mas são 218 residências com 60m2, num terreno de 250 m2. São duas casas por terreno, construídas em dois pavimentos. Possuem dois quartos, sala-sala de jantar, cozinha e banheiro, mais área de serviço.

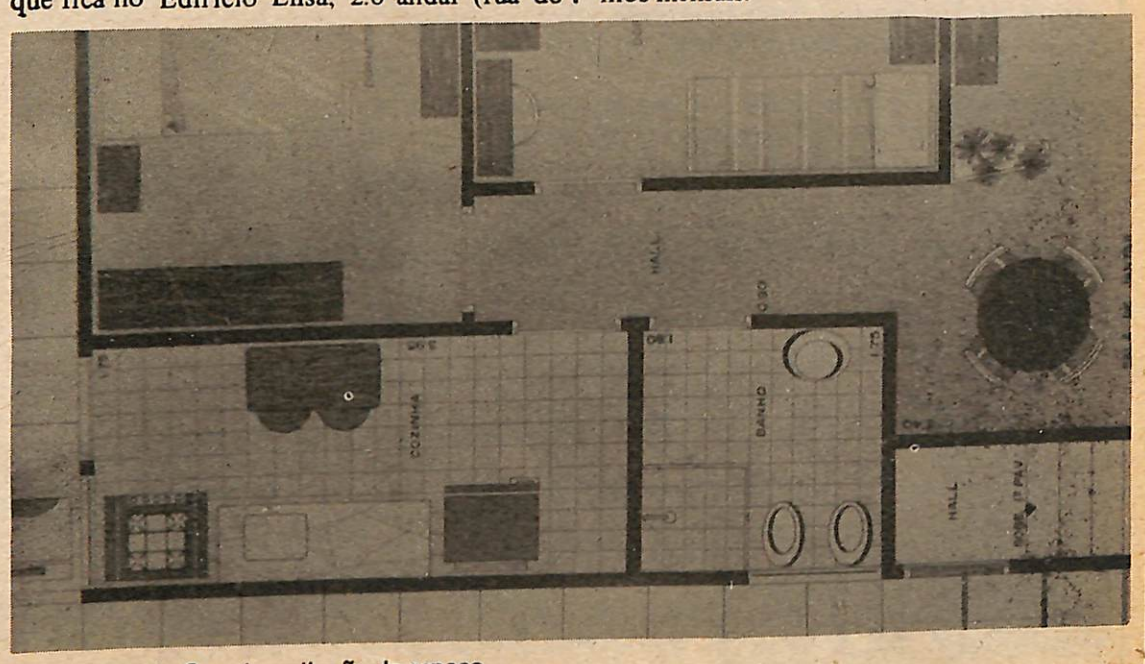
Para se comprar uma dessas casas, paga-se um sinal de Cr$ 5 mil e 15 prestações de Cr$ 1.200,00. Em dezembro deste ano, há a obrigatoriedade de pagar mais Cr$ 5 mil.Na entrega das chaves, mais Cr$ 8.346,00. Depois disso, a dívida, será transferida para um financiamento da Caixa Econômica Estadual, com prazo de 25 anos. O preço total será de Cr$ 213.800,00, menos o total já pago à Concic.

Os interessados podem falar com Aparecido Leguth – fone 3586. Certamente ele fará o convite para visitar o local e o escritório, que fica no Edifício Elisa, 2.o andar (rua do Rosário, 496). Lá podem ser vistos uma perspectiva da casa quando estiver pronta e duas plantas muito bonitas e coloridas.

O cuidado que se deve ter, principalmente os mais entusiasmados com as condições de pagamento, é com o fato dos móveis das plantas estarem fora de proporção. Com isso, parece que o imóvel tem um espaço interno que não é real. A cozinha, por exemplo, mede 1.75 de largura. Existe uma pia desenhada e em sua frente, uma mesa. Uma pia, normalmente mede 60 cm de largura, enquanto uma mesa normal um metro. É só fazer as contas para perceber que seria praticamente impossível alguém se sentar confortavelmente entre a mesa e a pia. Com os móveis do quarto ocorre a mesma coisa.

Fora esses detalhes, a Concic providenciou a instalação de dois reservatórios de água, com capacidade de 100 mil litros cada um. Dentro de trinta dias, no máximo, todo o Parque Residencial terá asfalto, iluminação, guias e sarjetas, mais a rede de esgoto. E também uma estação de tratamento de esgoto.

Essas casas se destinam a famílias que tenham uma renda de cerca de 7 salários mínimos mensais.



Nas plantas da Concic, a ilusão de espaço.



D. Pedro (esq.) e D. Jurandir





D. Luigi Mascolo

Na briga das igrejas, a justiça não pôs mão

Tarde de quinta-feira no Forum de Jundiaí. De um lado membros da Igreja Católica Apostólica Brasileira e do outro, os da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Patriarcado do Brasil. O problema: a cisão provocada pelo padre Jurandir Anisio Padovani, que passou de uma igreja para outra e decidia na Justiça a posse do prédio onde está situada a sua capela, construída por ele e seus fiéis há alguns anos.

Além de Jurandir, estavam presentes ao Forum o arcebispo Dom Pedro Villas Boas de Souza, da igreja Ortodoxa, e o bispo Dom Luigi Mascolo, da Igreja Brasileira. Cada um com sua história para contar.

Sempre fazendo questão de dizer que nada tinha de pessoal contra Dom Jurandir, o bispo Luigi Mascolo afirmava que "respeitamos o direito dele – nos deixar, mas tudo o que foi feito em nome da nossa igreja a ela pertence. Além disso, acreditamos que o povo apenas ajudou a construir o templo induzido pelo nome da Igreja Brasileira". Sempre acompanhado por seus advogados e pelo padre Garcia, dom Luigi Mascolo demonstrava que a sua função era apenas reaver a integração de posse do prédio da igreja de Jundiaí. "O que esse rapazinho quer é apenas se sagrar bispo, o que não é tão simples assim: é preciso seguir uma escala hierárquica e ele ainda não reune as condições necessárias".

Por outro lado, o padre Jurandir, ordenado bispo recentemente por Dom Pedro Villas Boas, e sua saída da Igreja Brasileira aconteceu "porque não aguentava mais tanta bagunça, desrepeito e a falta de condições de trabalho. Então resolvi deixar a Igreja Brasileira e continuar o meu trabalho em Jundiaí, junto à minha diocese". Ouvido por diversos jornalistas e nunca atendendo aos pedidos do bispo Luigi Mascolo, para não tratar de assuntos referentes à igreja em público, o padre Jurandir afirmou que "do jeito que as coisas estão nunca seremos respeitados pelos fiéis, porque graças a falta de energia do bispo Luigi Mascolo, a igreja Brasileira está uma bagunça. Além disso, foi transformada numa empresa, que nada dá e somente recebe".

Trêmulo, carregando sua pasta com documentos, dom Jurandir disse que vai criar o seu ambiente em Jundiaí, ao lado da Igreja Ortodoxa, "que trabalha com seriedade e espírito genuinamente cristão. Vamos nos aproximar cada vez mais das igrejas do Oriente, que são genuinamente cristãs". Quanto ao prédio na rua dos Bandeirantes, dom Jurandir explica que foi construído com seu dinheiro particular, adquirido por herança, e com a ajuda de muitos fiéis.

O bispo Luigi Mascolo retrucou que o prédio foi construído em nome da Igreja Brasileira, por isso a ela pertencia. Mas no corredor, esperando o fim da audiência, alguns fiéis não tinham a mesma opinião. Agostinho Mendes, um dos que ajudou a construir a capela, dizia que os fiéis sempre estiveram ao lado do padre Jurandir, "homem bom, que sempre ajudou os que precisavam e que construiu com o seu dinheiro". Outro fiel, João de Deus Cunha, meio assustado com a presença de jornalistas e de muita gente, explicava que o padre Jurandir está sendo injustiçado. "Ele até passou privações para construir essa capela. Eu mesmo lhe dei dinheiro emprestado para pagar algumas dívidas. Isso que está acontecendo é um absurdo e pode dizer aí: estamos do lado dele, como padre, como bispo e até com o nome da igreja trocado".

Nos corredores do segundo andar do Forum havia muita gente, ao ponto de um dos policiais fazer um mentário irônico: "até parece o julgamento do Doca Street". Sempre dizendo que não era nada pessoal, os membros das duas igrejas defendiam em altos brados os seus pontos de vista. Foi preciso um policial pedir que falassem mais baixo. Pouco depois, no fim da audiência, veio a decisão: prorrogação por trinta dias e discussão, já que o problema poderia ser decidido nos meios eclesiásticos. **(S.H.)**

O que o prefeito falou aos universitários

Cerca de cem pessoas estiveram presentes ao salão nobre do Gabinete de Leitura Ruy Barbosa, dia 27, para ouvir a palestra do prefeito Pedro Favaro, dentro do ciclo promovido pela Associação do Universitário Jundiaiense.

Durante as três horas em que Favaro falou, por diversas vezes surgiram referências à sua primeira gestão como chefe do Executivo, deixando transparecer a única e maior crítica feita pelo orador às administrações que separam suas duas presenças na prefeitura: a falta de continuidade administrativa. Fora essas insinuações, nenhuma outra objeção foi feita, por exemplo, à administração Ibis Cruz, o que parecia ser uma expectativa mais ou menos geral. E foi nessa falta de continuidade administrativa que Favaro enquadrou os "Problemas de Jundiaí", tema da palestra: a perda de parte da água que deveria ser captada do rio Atibaia (450 dos 900 litros segundo para que ele preparara a estação de bombeamento), o abandono das suas metas de extensão de redes de água e esgoto, para o que ele preparara o DAE em seu primeiro governo, a inversão das prioridades estabelecidas no seu Plano Diretor de 1969, e a não abertura de nenhuma outra faculdade de ensino superior na cidade.

A partir desses pontos, o prefeito equacionou seu plano de trabalho, hierarquizado assim: em primeiro lugar, o bem-estar social; em segundo, a melhoria da qualidade de vida do jundiaiense; finalmente, o desenvolvimento, tendo em vista "tornar Jundiaí uma grande cidade e não uma cidade grande".

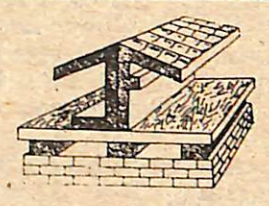
A favor do bem-estar da população, foram citadas as obras de prevenção das enchentes ao longo do rio Jundiaí, "visíveis por qualquer pessoa que caminhe ao longo desse vale", segundo Favaro. E citou o alargamento do rio, a derrubada de pontes que obstruíam o seu curso no tempo das águas; a construção de uma adutora e de redes de esgotos em diversas ruas; o pleno funcionamento do hospital-escola São Vicente de Paulo, que colocará a Faculdade de Medicina a serviço da saúde da população, "razão de ser de sua criação".

Na parte tocante à melhoria da qualidade de vida, Favaro fez menção à proliferação de favelas, "fruto do desenvolvimento e infelizmente, resultado de descuido das administrações anteriores". Como solução, propôs uma obra de caráter quase que assistencial para "humanizar a vida" nos barracos. Além disso, afirmou que dará todo o apoio às Cohabs ou quaisquer outras fórmulas que visem a construção de casas populares, cujo déficit em Jundiaí é da ordem de 5 mil.

Finalmente, garantiu que controlará o desenvolvimento para evitar que Jundiaí se torne simplesmente uma "cidade grande".

Para os universitários, em especial, Pedro Favaro anunciou "em primeira mão" que já deu entrada a um projeto de lei que cria um fundo de auxílio para transporte aos estudantes que cursam escolas fora da cidade. Valor do auxílio: 500 mil cruzeiros, "pouco, mas é o que podemos fazer, dentro das dificuldades financeiras em que se encontra a Prefeitura".

JOÃO FILIPPINI S. A.
O REI DA MADEIRA



Pisos – Azulejos – Materiais Sanitários
E uma infinidade de artigos para
sua construção
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO EM GERAL
Av. Dr. Cavalcanti, 820 – Fones, 434.3398 – 434.9197
JUNDIAÍ – SP

EMPRÊSA DE TRANSPORTES
Irmãos Vieira Ltda.
MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial JUNDIAÍ
R. Senador Fonseca, 1150 - Fone, 434.7507
CAMPINAS Matriz
SÃO PAULO Filial
Fones: 31.3403 e 31.4303 - Fones: 227.0419 e 227.0453

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.
AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR
E ARMÁRIO DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO
ASTRA
Rua Colégio Florence, 59 – Tel. 434 - 6398
434 - 6598 e 434 - 6798

Kertane de Campos
ÓTICA MODERNA



Se a lente do seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas fabrica qualquer lente em 30 minutos.
Fones: 434 - 7363 – 434 - 4351
Rua Barão de Jundiaí, 1012
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

PAULISTA: OS SEGREDOS DA BOA FASE.



Com as últimas vitórias, parece que a paz retornou ao Paulista. Como o presidente Wanderley Pires havia frisado, quando da saída do técnico Roberto Belangero, o time voltaria à sua boa fase do primeiro turno, com várias partidas invictas e entre as equipes mais regulares do Campeonato. Agora, com mais tranquilidade, Wanderley Pires achou que poderia explicar a demissão de Belangero, que na sua opinião estava sendo um problema para o clube.

— O que aconteceu — disse Wanderley — é que os jogadores estavam se sentindo prejudicados. Quando o time ia bem, os louros da vitória eram do Belangero, que não se preocupava em elogiar os jogadores. Nas horas difícies, de derrota, o técnico sempre pegava alguém para bode expiatório e não assumia nenhuma responsabilidade. Daí surgiu aquele ambiente ruim, entre ele e os atletas.

A queda do Belangero, segundo Wanderley, já estava definida há três meses atrás, quando o time estava bem no campeonato. E somente não ocorreu porque alguns diretores não lhe deram força necessária para que a demissão se consumasse. Durante a última crise, Belangero procurou Wanderley e pediu para ser mandado embora, mas queria os 40 mil cruzeiros referentes à rescisão de contrato. "Isso eu não aceitei, porque estaria administrando mal o dinheiro do clube se permitisse que ele pedisse demissão e ainda levasse o dinheiro. Mas depois, com as declarações dele a emissoras de São Paulo, criticando violentamente os jogadores, não houve alternativa e fiz o que já tinha pensado antes: mandar o técnico embora".

Wanderley não se conforma em ser chamado de mau administrador e explica que teria sido realmente se aceitasse a proposta de Belangero. E como num desabafo, explica que lida com futebol desde 1962 e conhece todos os truques: "a mim não passam para trás". E exemplifica, citando o que ocorreu em 1968, quando mandou embora Alfredo Ramos, exatamente quando o time estava invicto. Em seguida contratou Armando Ranganeschi, que levou o Paulista invicto para as pártidas finais da Primeira Divisão. Mas o presidente achou que o técnico Renganeschi, assim como Alfredo Ramos, eram acomodados e por isso o time poderia perder o torneio de acesso à Especial.

"Não tive dúvidas e mandei o técnico embora; contratei o Alfredinho para disputar as cinco partidas finais e conseguimos chegar à Especial invictos, apesar de muita gente me chamar de louco".

O time vai bem

E financeiramente, como vai o Paulista? Para Wanderley Pires, a situação já esteve pior e atualmente é até boa, se comparada com a de outros times da especial. "É claro que um clube que gasta 240 mil cruzeiros por mês e só recebe 30 mil através de sócios e de publicidade não pode estar às mil maravilhas. Mas com o dinheiro das rendas dá para tocar".

Mostrando os cabelos brancos, que diz ter conseguido graças ao Paulista, Wanderley Pires disse que nesse mês que o Paulista teve o seu campo interditado, os prejuízos atingiram um pouco mais de 150 mil cruzeiros. Irritado, desabafou: "tudo por causa de um de nossos diretores, que achou de dar um chute na perna do juiz Roberto Nunes Morgado no jogo contra o Guarani". Salientou ainda, para mostrar as dificuldades que essa suspensão causou ao clube, que no jogo contra a Ferroviária em Campinas, o Guarani pediu 18 mil cruzeiros de aluguel do seu estádio e a renda foi de apenas Cr$ 5.000,00.

Quanto às críticas que recebe, Wanderley disse que se cada jundiaiense ficasse meia hora na presidência do clube, o Paulista não teria tantos problemas. Quanto ao futuro, Wanderley tem esperanças: o time é bom, toca bem a bola e está melhor do que 12 equipes, das 19 que disputam o Campeonato. E ainda sentencia: "dêem-me 10 mil sócios e prometo que o Paulista disputa o título de campeão paulista".



A AVENTURA DE SAMUCA

Sozinha, sendo operada em um país estranho, mesmo assim Samuca acha que os cartolas do basquete não têm culpa. Agora, ela ficará quatro meses parada.

A jogadora de basquete Sandra Cristina Pizzocaro, conhecida em toda a cidade como Samuca, sofreu um grave acidente durante a excursão da Seleção Brasileira de Juniors aos Estados Unidos. As notícias que chegaram logo em seguida a Jundiaí afirmavam que a delegação brasileira havia abandonado a jogadora nos EUA sem providênciarem o devido tratamento médico. Samuca rompeu todos os ligamentos do joelho direito, os meniscos e a rótula, sendo necessária uma cirurgia de urgência. Apesar de ter ficado aos cuidados do médico norte-americano que a operou e de uma aeromoça da Pan-Am, Samuca faz questão de isentar de culpa os dirigentes da CBD.

Cabelos presos, à moda Maria Chiquinha, sempre sorridente, apesar da dificuldade de se locomover (o que faz com a ajuda de um par de muletas), Samuca explicou que "não fui abandonada pela delegação; o que ocorreu é que não gosto de ficar dependendo de ninguém e seria injusto que pedisse ao pessoal que ficasse comigo, porque nossa equipe tinha outro torneio importante a ser disputado em seguida no México".

Segundo Samuca, a contusão aconteceu durante a partida contra o Canadá. Ela tentou tomar a bola de uma jogadora adversária, desequilibrou-se e bateu com o joelho no suporte da cesta. Tentou se levantar mas não deu e acabou sendo levada para o hospital Barthon, em Tahoe, Nevada, onde foi operada.

Sempre tentando isentar de culpa dos dirigentes da Confederação Brasileira de Basquetebol, Samuca diz que não havia mesmo condições de algum dirigente ficar em sua companhia os quinze dias que permaneceu nos Estados Unidos. "Depois de tanto treinamento, a seleção tinha mesmo que ir pro México, principalmente porque eu penso muito em termos de Brasil. Além disso, não tinha ninguém, com exceção do técnico, que falasse inglês".

DESESPERO

Quando a notícia chegou ao conhecimento de dona Nilce e Antonio Pizzocaro, pais de Samuca, começaram os quinze dias de desespero. A decisão de operar Samuca partiu de seu pai, por telefone.

— Falei com minha filha — disse seu Antonio — e chegamos à conclusão que a operação deveria ser feita nos EUA, onde a medicina esportiva é bem desenvolvida. Graças a Deus tudo deu certo.

Foram dias de muita tensão entre a família Pizzocaro, que além de Samuca, tem outra filha, Tânia. "A gente nem conseguia dormir à noite, principalmente porque logo de cara soubemos que nossa filha tinha ficado sozinha num país estranho. Minha mulher chorou muito, mas agora está tudo bem", disse seu Antonio.

Samuca começou a jogar ao doze anos de idade, no juvenil do Colégio Divino Salvador, "porque não tinha lugar na equipe infantil". No começo a família não apoiou a tendência de Samuca em ser jogadora de basquete. Atualmente, dona Nilce e seu Antonio não perdem um jogo da filha, que já é campeã Sul Americana Juvenil e vice-campeã Sul Americana na categoria principal. Em relação ao colégio Divino Salvador onde começou a jogar, Samuca só tem palavras de elogio: "ali é minha segunda casa; todos são maravilhosos, principalmente o padre Olivo Binoto, que sempre nos incentivou".

Samuca ficará mais quatro meses inativa e, a partir daí, permanecerá muito tempo fazendo exercícios de fisioterapia. "Mas pode escrever aí: "eu ainda vou voltar a jogar e até melhor do que antes". Quanto à hospitalidade dos norte-americanos, Samuca disse que nunca viu coisa igual: "quando alguém deles passar por aqui, será recebido com uma grande festa". **(S.H.)**



MÓVEIS Candieiro
ROCHAS
ESQUADRIAS DE MADEIRA LTDA.

gppm

Móveis Coloniais em Jacarandá e Cerejeira.
Armários para Copa e Cozinha -
Armários Embutidos

O colonial na mais pura expressão. Como antigamente.



MATRIZ E FÁBRICA
Rua Carlos Gomes, 1.275 - caixa postal, 247
Tels: 434.4131 - 434.5070 - 434.5730 - JUNDIAÍ
EXPOSIÇÕES
Av. Eloy Argemiro Carniatto, 48 - ITATIBA
Av. 29 de Abril, 520 - Tel. 435.0224 - ITATIBA



Geraldo e Carlos, numa casa onde todos fazem música.

A MUSICAL FAMÍLIA CALAZANS

A família Calazans reúne cinco pessoas de incrível musicalidade. A partir do pai, Geraldo, que começou com o violino aos 13 anos no Conservatório Musical e já aos 14 tocava na Orquestra Marabá, quando conta que "tinha até que fugir do juizado de menores". Passou por todos os instrumentos até descobrir o contrabaixo, pelo qual se apaixonou.

Geraldo, contador do SESI há 27 anos, tocou durante nove anos na orquestra de dança "City Swing" e mais seis na "Universal". Desde 76 é baixista da Orquestra Sinfônica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Joana, a esposa, para quem Geraldo fez muitas serenatas, começou a aprender piano depois de casada.

Pianista, violoncelista da Orquestra Sinfônica da Pucc, o filho José Eduardo tem 20 anos e está se preparando para o vestibular de engenharia mecânica, que fará no final do ano. Ele conta o que espera da música:

– Quero chegar a uma condição boa para transar música de câmara, não orquestra, pois ela não dá campo para a gente se expandir. Com 60 pessoas tocando junto, a responsabilidade é menor, o que não acontece na música da câmara.

Engenharia Eduardo vai fazer aproveitando a facilidade que tem para isso, mas comenta, "é só para satisfazer outro tipo de vontade que não tem nada a ver com sensibilidade. Mas isso é até mau, a pessoa se fecha em vez de se abrir".

Outro filho, Paulo Sérgio, tem 18 anos, faz curso técnico de laboratório no Colégio São Vicente, estudou violino e atualmente é tecladista da "Kripta", um conjunto de música pop da cidade.

O mais novo é Carlos Alberto, com 15 anos. Faz colegial no Ana Paes e é aluno de Lúcia Olga Chaves, tido como uma promessa no piano. Em seus planos está tocar piano por mais cinco anos e depois um pouco de flauta: "Vou ter outra profissão, mas nunca deixar de tocar. Música é um hobby, só que saber bem e gostar".

A que se deve tudo isso? Para Geraldo a explicação é simples:

– Bem, quando os filhos nasciam já tinha em casa uma pilha de discos esperando-os. A casa é musical, todo mundo ouve, participa e gosta de música, e um ambiente musical é fundamental, dependendo de como as coisas são conduzidas".

A casa tem muitos instrumentos, desde pequenos os filhos iam mexendo e o pai ajudando a dar os primeiros passos. Para se ter uma idéia, Geraldo não admite que um carro, ou mesmo uma geladeira sejam mais importantes que um piano, "uma questão de percepção", fala. Há cinco anos, os dois mais velhos foram estudar violino para apurar o ouvido", como diz Geraldo.

Um fato curioso: quando Eduardo tinha dois anos, e o pai pedia que ele colocasse "aquela música que eu gosto", o menino colocava na vitrola o "concerto para piano e orquestra por Willian Kapell". Geraldo conta que "até hoje não entendi isso, e às vezes o disco não estava nem na capa".

Dedicar-se exclusivamente a música foi uma idéia que a família Calazans afastou logo de início, por uma razão que é aquela de sempre: "no Brasil é impossível viver de música", falam.

Geraldo compôs duas músicas e tem ainda algumas outras mas, segundo ele "feitas na base da brincadeira". "Do Seu Sorriso uma Lembrança", foi uma que participou de um festival no Clube Jundianese", tirando o terceiro lugar. Os filhos também fizeram algumas letras.

Mas festivais não é bem onde Geraldo gosta de mostrar suas músicas, talvez, como ele fala, com medo de ser criticado, "e depois não pode revidar". Mas ele acha mesmo que "música tem que ser algo que a gente gosta, que no nos diga alguma coisa, nada comercial".

Geraldo acha que a tendência da casa é para a música pop: "eu não condeno, é tudo proporcional à mentalidade da geração". Nisso o filho Eduardo discorda: "aqui é uma das poucas casas onde música é música", querendo dizer que lá se ouve desde Egberto Gismonti e Hermeto Paschoal até Genesis.

(Lêda Cassins)

FOTOCOPIADORA
MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 — Tel. 436 - 8460

AÇOUGUE E CASA DE CARNE MÁRCIO CACEZES

Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 436 - 4880

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541

DISCO & SHOW

Pedro França Pinto

Bicho, último equívoco de Caetano.

Caetano Veloso é um compositor de inteligência e talento comprovados, de criações suficientemente fortes para compensar os seus eventuais e incontroláveis deslizes. Essa lembrança acalma e reanima, pois será novamente preciso esperar pela recuperação: esse seu último LP. **Bicho,** é também o último dos seus equívocos.

Um dos méritos de Caetano Veloso foi sempre o de não se amedrontar com as suas próprias invenções; o que faz, faz com inteiro intusiasmo e até o fim. Mas desta vez, infelizmente, Caetano está enfrentando e adorando uma fase de visível queda poética em sua carreira.

A primeira faixa do disco é dedicada aos que querem se sentir **odara**, adotar um comportamento **odara,** procurar soluções em uma alegre e aberta existência **odara.** Uma existência no estilo **tudo bem,** de gestos, palavras e atitudes de estagnada contemplação e mútua admiração. O resultado musical e artístico é equivalente à proposta: pobre, fútil. "Canto e danço que dará"? Não dá não, Caetano.

Two Naire Fifty Kobo revela a atual influência africana que sofre a obra de Caetano. Nessa música, ele afirma o que repetiu em entrevistas: é preciso ter "o pé na África". Ninguém sabe por que, mas arrisca-se a hipótese de que, assim fazendo, fica mais fácil mexer o corpo, pular, dançar – e apreciar melhor a beleza. "O certo é ser gente linda e dançar dançar dançar", conclui Caetano.Continuamos, portanto, em terreno **odara**, ainda que africano e valorizado por ritmo e melodia mais convincentes.

Gente é a outra faixa em que Caetano continua curtindo os que o cercam (citando ele próprio, Bethânia, Dedé, Gil, etc.) e pedindo a todos que não esqueçam: "Gente é muito bom/ gente deve ser o bom". A intenção que parece ter sido a inicial – recordar que a vida de cada um é livre, como também disse em suas últimas entrevistas – fica perdida em um amontoado baboso de incentivos e elogios à boa gente, aos predestinados que devem "brilhar", que são "espelho de estrelas reflexo do esplendor". Gente não é isso, todos sabem e mais ainda Caetano. Ou será outro o compositor de "Drama" e da obra-prima de auto-análise que é "Janelas Abertas"?

Com essas idéias não chega a espantar uma letra como a de **Um Índio**, dispensável e longo falatório sobre um índio que "descerá de uma estrela colorida brilhante", que fará coisas que não se sabe dizer "de um modo explícito", e que "surpreenderá a todos" por "ter sempre estado oculto quando terá sido o óbvio". Esse índio, é permitido supor, deixará na Terra o espírito **odara** que tanta falta anda fazendo por aqui.

Há ainda **Leãozinho, Olha o Menino** e a **Grande Borboleta,** projetos menores que deixam frustrações menores no ouvinte. Leãozinho chega até a ser simpático na sua luminosidade simples.

Mas há duas canções que conseguem salvar o disco de ser um engano total: **Tigresa e Alguém Cantando.** Na primeira, Caetano completa com letra e música e emoção que sentiu ao conversar com uma dançarina do "Frenetic Dancin'Days"; na segunda, a bonita voz de Nicinha fala de um canto distante, que é ao mesmo tempo inútil e fundamental. Sem exageros, sem entusiasmo incosequente; apenas com arte e consciência.

Ficha técnica: direção de produção, Perinho Albuquerque; técnico de gravação, Paulinho Chocolate; Assistente, Geraldo/ Luís Carlos Varella; montagem, William; corte, Ivan Lisnik; arranjos de orquestra, Perinho Albuquerque, cordas, Phonogram, coro em todas as faixas, Marisinha/Evinha/Malu/Regina; projeto gráfico, Aldo Luíz; desenhos, Caetano Veloso; fotos, Marisa A. Lima; arte final, Jorge Vianna.



Este disco é um dos últimos equívocos de Caetano Veloso.

Ele está enfrentando uma fase visível de queda poética em sua carreira.

JORNAL DO LIVRO

Mário Marinho

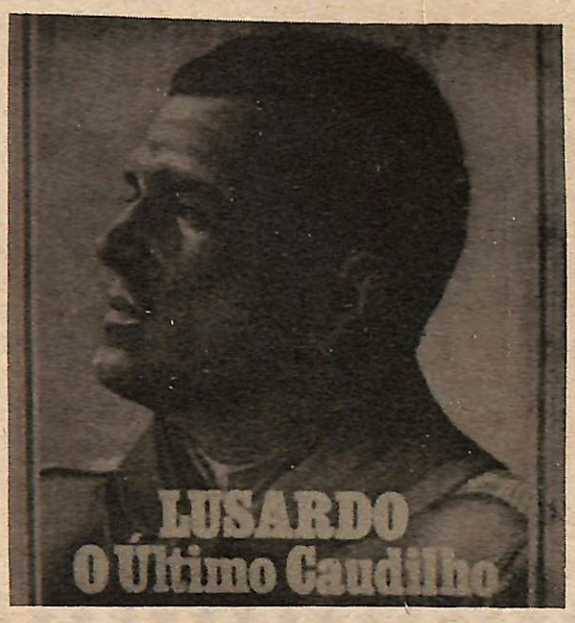
Lusardo, ou de como a coragem muda a história.

Lusardo, O Último Caudillo (Vol. 2, Editora Nova Fronteira, Coleção Brasil-Século 20, Cr$ 150,00 de Glauco Carneiro, não é um livro de memórias do velho líder gaúcho, hoje com 85 anos. Antes, trata-se do registro histórico de 1923 a 1927, tendo como tema central a atuação de João Batista Lusardo, o médico e político. Sobretudo, o guerreiro.

O historiador e jornalista Glauco Carneiro fez o que, por falta de um outro nome, se poderia chamar de reportagem histórica. Ouviu o que Lusardo tinha a contar (e também confessar), da mesma forma que registrou as outras versões, tanto dos velhos companheiros maragatos, como dos inimigos políticos pica-paus.

"Lusardo, O Último Caudillo" retrata, através de seus principais personagens, na confrontação direta durante as batalhas da revolução gaúcha de 1923, as particularidades do povo do Rio Grande do Sul. A coragem, a simbiose homem-cavalo – centauros? – e a disposição de lutar encarniçadamente em nome dos seus ideais.

Não é possível deixar de sentir alguma simpatia pelos maragatos, que queriam destronar o presidente **perpétuo** do estado, Borges de Medeiros. Lutando com as poucas armas conseguidas além-fronteira e as que apreenderam durante as batalhas contra as tropas legalistas, sob o comando de Flôres da Cunha, os maragatos deram um belo exemplo de coragem.



"Quando soldados de Portugal e Espanha disputavam a posse definitiva deste então imenso deserto, tivemos que fazer a nossa opção: ficar com os portugueses ou com os castelhanos. Pagamos um pesado tributo de sofrimento e sangue para continuar deste lado da fronteira meridional do Brasil. Como podem nos acusar de espanholismo?". Isto talvez explique todas as demonstrações da paixão com que os gaúchos sempre se atiraram à luta em diversas ocasiões da história brasileira. **(C.K.I.)**

CATÁLOGO

"No programa, uma cachacinha amiga, sem aditivos, sem trapaças e sem venenos". Assim o jornalista Demócrito Moura e a Editora Alfa-Omega estão convidando para o lançamento do livro "Isto é um assalto", nesta quarta-feira, no Sindicado dos Jornalistas Profissionais de São Paulo (rua Rego Freitas, 530), às 19 horas.

No seu livro, o jornalista Demócrito Moura quer que o consumidor brasileiro deixe de repetir a frase "isto é um assalto" toda vez que considera caro o preço de algum artigo, para se unir numa associação em defesa do consumidor, como já existe em outros países.

Foi lançado na se

Foi lançado na semana passada, em Belo Horizonte, o livro "Dia de ver meu pai", de Vivina de Assis Viana. O livro, infantil, é mais um título da Coleção do Pinto, da Editora Comunicação. O nome, Coleção do Pinto, foi uma homenagem do editor André Carvalho ao primeiro livro da coleção, "O menino e o pinto do menino", de Vander Pirolli.

"Dia de ver meu pai" conta, numa linguagem pura, linguagem de criança, os desencontros de uma criança, filho de pais desquitados, que só pode ver o pai no domingo. É uma história triste, comovente e muito atual.

A Forense está lançando esta semana: "Comentários ao Código de Processo Civil", volume XIV, de Pontes de Miranda, 420 páginas, Cr$ 210,00, encadernado; "Teoria e prática dos recursos ordinários cíveis", de Ulderico Pires dos Santos, 422 páginas, ... Cr$ 200,00; "Preços taxas e paradiscalidade, de A. Theodoro Nascimento, volume VII, 504 páginas, Cr$ 250,00 encadernado.

Menos de um mês depois da morte de Vladimir Nabokov, aos 78 anos, sai no Brasil, na tradução de Affonso Blacheyre, seu romance "Rei, valete, dama", 196 páginas, Cr$ 65,00, lançamento da Artenova.

João Antônio redescoberto há uns dois anos, e que nestes últimos dois anos se tornou, certamente, o mais citado escritor brasileiro (o que, de forma alguma, significa o mais lido), tem o seu conto "Frio" publicado pela revista mexicana "El cuento". Essa revista é uma espécie de "Ficção" dos mexicanos e poderá ter uma edição brasileira em breve.

Já nas livrarias a segunda edição de "Fronteiras sangrentas" (Heróis do Amapá), de Sílvio Meira, ficcionista, ensaísta e jurista Paraense.

Carlos Aquino com mais um romance: "As desquitadas". À venda nas bancas de jornais.

Endereço para correspondência: rua Milton de Souza Meirelles, 461, Parque Continental, São Paulo, Capital, Cep: 05340.

CINEMA

Rocky, um lutador. E só.

"Rocky, um Lutador" entra em seu segundo assalto – perdão, segunda semana – e domina a programação em Jundiaí. Fica no Marabá, até o dia 7. No Ipiranga, "A Ilha do Topo do Mundo" continua até o dia 4 e depois entra aquela dupla que certos comentaristas esportivos definiriam como grotesca, ridícula e estapafúrdia: Terence Hill e Bud Spencer em "Dois Missionários do Barulho", excelente para quem gosta de poluição sonora.

No cine Alvorada, a atração será Teixeirinha, nos dias 1 e 2, com "Pobre João" (pobre espectador. . .). Depois entram: "Kung-fu, o Demônio do Karatê" (ou: o samba do amarelo doido), dias 3, 4 e 5, e, a partir do dia 7 (por favor, um tango como fundo musical). . ."Mariposa da Noite" – recomendável para caçadores de borboletas.



"A Ilha do Topo do Mundo", no Ipiranga

NO MUSEU, NOSSO FOLCLORE. EM PALESTRA E MÚSICA.

A Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí promoveu, sábado passado no Museu Histórico e Cultural, a apresentação de palestra e músicas do nosso folclore. O professor Adelino Brandão foi quem falou sobre o assunto. Na parte musical, Antonio Carlos Guedes de Oliveira apresentou um solo de violão, enquanto Francisco Pessonali Jor executou músicas folclóricas no violino. Encerrando, os corais Pio X e Sifco mostraram vários números de canto.

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434.1067 – 434.1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436.3260 – 436.6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434 - 3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434.3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/n.o - Jad. Messina
Fones: 434.1056 – 434.1666

REGISTRO

APROVADOS – Para os cargos de orientador trabalhista: advogados Luís Francisco Ferreira Bárbaro e Neide Carlos Pereira. Para o Posto de Atendimento da Secretaria de Relações do Trabalho, em Jundiaí (endereço a ser determinado nos próximos dias).

VISITA – Dia 4, em Jundiaí, o presidente da Telesp, Antônio Salles Leite. Vem tomar conhecimento dos problemas referentes ao setor.

BANDA – Dia 7, em Jundiaí, a Banda Carlos Gomes, de Campinas, que se apresentará no coreto da Praça Marechal Floriano Peixoto.

BURACO – Começa dia 6 de agosto, às 14 horas, na sede do Ipiranga, o torneio de buraco promovido pela Feira da Amizade, com a participação de 64 duplas.

INAUGURADO – Sistema de som "Discoteck", no Clube Jundiaiense.

INICIADA – Coleta de lixo domiciliar no jardim Santa Gertrudes. Desde a semana passada, depois de entendimentos entre o diretor da Limpar S.A., José Luiz Betelli, e o secretário de Serviços Públicos, Moacyr Figueiredo.

ENTREGUES – Jogos de malhas e camisas a equipes participantes do Campeonato de Malhas de Jundiaí. Dia 22, na imobiliária "O Casarão". Ouro Branco F.C. e C.M. Paranaguá receberam jogos de malhas e 10 camisas cada um; Santa Helena, Paraná, América e Estrela receberam só jogos de malhas. Pelo Defert, através de seus dirigentes Luís Geraldo Lacerda e José Carlos Bissoli, além do coordenador do campeonato, Egídio de Almeida.

PUBLICAÇÕES – Circulando mais um número de "Nova Jerusalém", jornal da Paróquia "Bom Jesus de Pirapora", com artigos e noticiário das atividades da igreja. Está no número 100. Distribuição gratuíta.

POBRE CRISTINA

Deu na coluna do Zózimo, no "Jornal do Brasil":

"Quem chega de Loeysius, na Grécia, dá conta do abandono em que se encontra o outrora suntuoso iate **Cristina**, da família Onassis".

E o pior é que as favelas de Jundiaí já estão lotadas. **(AF)**

CINEMA TAMBÉM É CULTURA

O **Diário Oficial**, edição de 20 de julho, publica a relação dos roteiros cinematográficos que deram entrada na Embrafilme, nos últimos dias. Depois de examinados, eles receberão ou não financiamento da empresa. Alguns candidatos: "O Atleta Sexual", "Minha Mulher Ainda é Virgem", "O Sexo Vem a Cavalo", "Obsessão do Sexo", "Bordel", "Os Pornógrafos", "O Elixir do Sexo" e "A Virgem de Vermelho". (Pela transcrição, **AF**).

MENINOS, EU OUVI!

Ouvi na abertura do jornal "Bom dia, São Paulo", da Globo; no dia 27.7. "Hoje é vinte e sete de julho. Antônio de Oliveira Salazar morreu há sete anos, exatamente. Ele comandou os destinos de milhões de pessoas, em Portugal, na África e na Ásia durante mais de quarenta anos. Milhões de pessoas que lhe eram subservientes ou que o odiavam. Salazar, como outros governantes da História, assumiu uma responsabilidade impossível, a de decidir tudo sozinho, a de ter todas as chaves do poder nas mãos, a despeito do ódio de alguns e do silêncio de outros. Só o mito podia sustentar esse homem. E o mito se fez a partir do dia em que ele pôs ordem na debilitada economia portuguesa da década de vinte. O escudo estabilizou-se, mas estabilizou-se tanto que estagnou a economia pelas décadas seguintes. Um mito técnico, portanto. Diferente dos mitos humanistas como o de Kennedy, de João XXIII, ou mesmo de Kruchev. É claro também que a estabilidade econômica tinha de ter suas fontes. E a fonte era a África. Salazar sustentou a ferro e fogo um regime que todos os outros países já tinham abolido, o das colonias, das imensas fazendas tropicais de onde continuavam vindo para a metrópole e ouro, as especiarias e os gritos contidos dos nativos ansiosos pela liberdade. A liberdade chegou para Angola, para Moçambique, para Guiné Bissau, talvez muito tardiamente, fora de época. Daí os problemas que esses jovens países, tão antigos, estão vivendo de poucos anos para cá. As revoluções, a violência, a cobiça de outros fazendeiros da era atual, são a sequência lógica da História de povos que não foram acostumados a decidir seu próprio destino". **(Pela transcrição de um gravador National. E.M.)**

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

V. LIBERDADE - nova, 3 dorm. carpetados, 1 suite, banheiro social, lavabo, sala, copa, cozinha, abrigo, jardim, lavanderia, dep. de empregada, quintal, terreno de 10x25. Cr$ 1.000.000,00 - pode ser financiada. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

VILA LIBERDADE - 3 dorm. suite, banheiro social, sala grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900 mil, pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584).

PARQUE DO COLÉGIO – nova 3 dorm. c/ armário. 1 suite, banheiro social, lavabo, sala em L, copa cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada, abrigo p/ 2 carros, jardim, quintal. Cr$ 1.300.000,00 pode ser financiada. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

ATIBAIA – 32 alq. com casa sede, c/ 3 dorm. - 3 banheiros, sala, copa, cozinha, salão de festa, mais 5 casas p/ colonos, luz, pomar, pasto, mata virgem, mangueirões, represa, telefone, etc.
Cr$ 1.800.000,00 - facilitado. Permuta-se com terras em Mato Grosso - na zona de Diamantino. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

IVOTURUCAIA – 54.000 m, plana, toda formada à 9 Km do centro, casa sede, casa para caseiro, luz pomar grande produzindo, água corrente, poço, 2 bosques grandes naturais, ótima topografia. Cr$ 1.500 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

JARDIM BRASIL – Bairro classe "A", estilo colonial, 4 quartos, sendo 1 tipo apto, grande sala p/ varios ambientes, lareira, 2 banh. sociais, copa, cozinha, lavanderia, apto. p/ empreg., quintal, grande jardim, abr. p/ vários autos, terraço amplo, etc. Terreno c/ 1.000m2. Preço especial. Aceita Caixa, Terreno ou casa de menor valor como parte do pagamento.

PARQUE DO COLÉGIO – 3 quartos, sendo uma suite, com AE, carpetados, sala em "L" copa, cozinha azulejada até o teto, salão de festas, garagem p/ 3 autos, p/ família de fino gosto. Preço . . . . . Cr$ 1.300.000,00, aceita terreno c/ parte do pagto. e financ. p/ Caixa.

ANA MARIA – c/ 3 quartos, sendo 2 tipo apto, sala grande, copa cozinha, escritório, banheiro social, apto. p/ empregada, abrigo p/ vários autos, ótima localização. Preço Cr$ 1.400.000,00, pode ser financiada aceita terreno c parte do pagamento.

VILA MUNICIPAL – c 3 quartos, sendo 1 tipo apto. AE, 2 c carpetes, sala com 60m2, lareira, copa, cozinha, sala p/ TV, jardim de inverno, apto. p/ empregada, área de serviço, quintal, duas entradas independentes, abrigo p/ 2 autos, jardim frontal, tijolo à vista, etc. Preço de Cr$ 1.000.000,00

ZACARIAS DE GÓES – Tipo apto, com 3 quartos, AE, 2 sala com AE, copa cozinha, 2 banheiros, abrigo para 3 autos, ótimo ponto. Preço especial p/ negócio rápido. Preço Cr$ 900.000,00. Transfere financiamento.

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área, 2 dorm. garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada quintal. Cr$ 700 mil, facilitado e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16).

JARDIM CICA - Jardim frontal, 3 dorm., sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800 mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS. (326).

SÍTIOS E CHÁCARAS

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc. Próximo a várias propriedades. Cr$ 15.00m2.
OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CABREUVA - com 70 alqueires, grande pasto, 22 alqueires, mata virgem, 100 cabeças de vaca, 20 suinos. Uma casa sede grande e nova, 2 casas para colonos. Pomar variado, 7 lagos, 6 nascentes. 3.600 m. Beirando o Rio Tietê, etc. À 6 km. de Cabreuva. Mais informações em nosso escritório - Preço Cr$ 4.500.000,00 a combinar. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

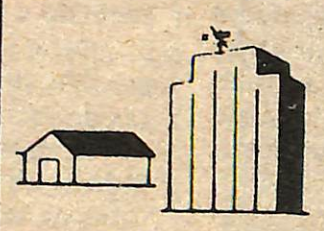
BAIRRO DA CHAVE - magnífica chácara casa c/ 3 dorm. arms. embs., sala, copa-cozinha, banheiro jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550 mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS. (1237)

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/ festa 10mx80m, com mais 2 comodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí. Cr$ 1.5000.000,00 facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (9961).

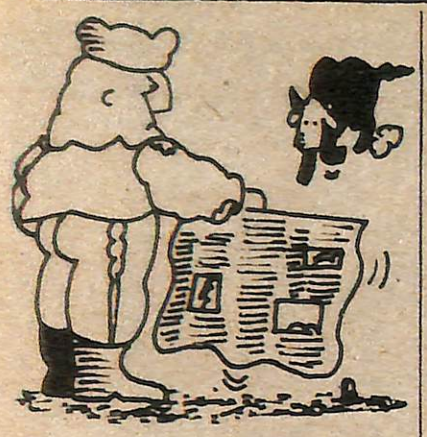
OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e venda
rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



ADVOCACIA PREDIAL
ALUGA — VENDE — AVALIA.
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS
ASSISTÊNCIA JURÍDICA.
R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.



ARRIBA, JC!

Notícias publicadas pelo **Jornal da Cidade**, edição de 21 de julho: "Revolta nas cadeias espanholas", "Na Espanha, preços congelados por meses". . . só faltou o resultado do jogo entre Salamanca e San Sebastian. **(AF)**

CADÊ?

Não é querer ser chato, não, mas cadê os carnês do Paulista, as famosas "cruzetas", hein? **(S.V.)**

A PONTE

Se fossem outros os tempos, não teríamos tanta discussão por causa de uma Ponte Torta. O alcaide mandaria lá uma equipe de homens e picaretas e botaria a ponte abaixo num abrir e fechar de olhos. De preferência à noitinha, quando todos os gatos são pardos. E depois construiria lá no lugar uma rodoviária fluvial. Não foi assim com as figueiras? **(S.V.)**

MORTE E VIDA SÓ AQUI

A censura liberou o filme "Morte e Vida Severina" só para exibição interna. O filme não pode ser exportado porque mostra muita miséria, muita coisa feia. Na Itália aconteceu mais ou menos isso, logo depois da guerra, com os filmes neo-realistas. Havia quem reclamasse, por exemplo, porque "Ladrões de Bicicletas" mostrava um retrato "muito feio" da miséria italiana. E os conservadores, lá, preferiam que o cinema mostrasse a Costa Azul, ou as lindas paisagens alpinas, ou as montanhas em flor. Como se vê, avestruz não tem pátria. **(V.L.)**



VIVA A PROPAGANDA!

Na qualidade de publicitário, confiro o prêmio "Humor Negro do Ano" a um "outdoor" que está nas ruas de São Paulo (aguarde, para breve, nesta cidade).

O texto do gigantesco cartaz da rua dizia o seguinte:

"Política é ação permanente. Inscreva-se na Arena". **(E.M.)**

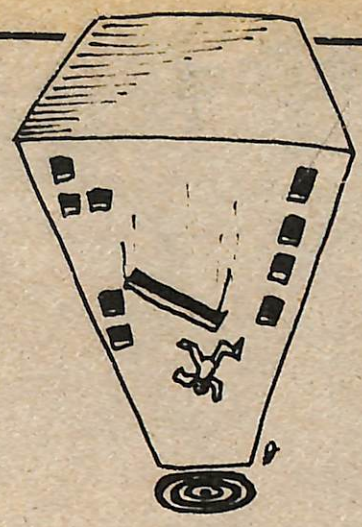
SUGESTÃO

Já que o Ray Coniff não cabe no palco do Clube Jundiaiense, que tal gastar as 250 mil pratas que iam ser desperdiçadas com a exumação de tal cadáver musical em alguma coisa mais útil? Chico Buarque, por exemplo, é mais baratinho, têm umas músicas melhorzinhas, e é deste século. **(S.A.)**.

JC GATE

"O diálogo foi simples, ouvido pelo repórter, postado atrás de uma árvore, no escuro". Trecho de uma reportagem publicada no "Jornal da Cidade" de terça-feira última. Bob Woodward e Carl Bernstein ouvindo segredos de Watergate? Não, apenas um repórter ouvindo um diálogo entre uma prostituta e seu potencial cliente, fazendo um acerto financeiro. Jornalismo intimorato é isso aí, bicho. **(S.V.)**





TE CUIDA, CUCARACHO

Segundo os jornais, o Brasil estaria pensando em exportar tecnologia da nossa construção dcivil.

O que vai dar de paraguaio caindo de andaime não vai ser mole, ché. **(E.M.)**

E O RESTO DO PESSOAL?

Título publicado pelo **JJ** edição de 22/7: "Ouvimos Jundiaí: ela não quer a derrubada da ponte". Na notícia, a informação de que o jornal ouviu "38 pessoas".

Pensei que Jundiaí fosse maior. **(AF)**

SIGLAS

Nas livrarias, uma obra com mais de três mil siglas em português, espanhol e francês. O nome é "Dicionário Brasileiro de Siglas em Comércio Exterior", mas pode chamar de DIBRASICOEX. **(AF)**

O REDENTOR

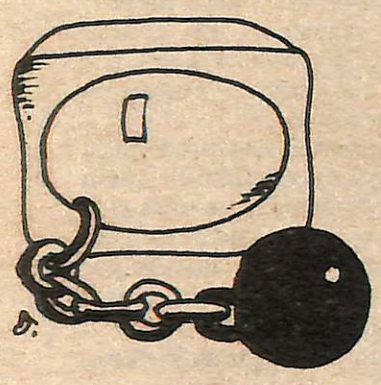
Segundo notícia publicada no "Jornal da Tarde" (21.7.77), por determinação do presidente Geisel, o ministro Armando Falcão enviou um telex à cidade de Caçapava (284 km distante de Porto Alegre) para apurar a atitude racista dos dirigentes do clube União Caçapavana, que impediram negros de entrar no baile de coroação da rainha dos estudantes. E mais, naquela cidade negro não pode ser eleito líder estudantil, nem mulata pode se inscrever no concurso de rainha.

Como se vê, o ministro Falcão está muito interessado em acabar com as injustiças contra estudantes. **(E.M.)**



REVISÃO

Em vez de "Política é ação permanente. Inscreva-se na Arena", o certo mesmo seria: "Política é um **ato** permanente. Inscreva-se na Arena, e não se fala mais nisso, tá?". **(E.M.)**



LOTECA POLÍTICA

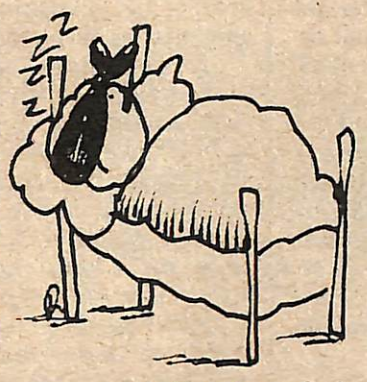
Está decidido: o MDB de São Paulo encerrará o ciclo de conferência do seu Instituto de Estudos Políticos e Sociais através de uma rede estadual de televisão.

Façam suas apostas, senhores. **(E.M.)**

História de ninar

Era uma vez num reino muito distante chamado Ilha da Paz, uma porção de meninos, que sempre viveram de olhos fechados, como os de seus pais já estavam há muitos anos, começaram a enxergar. Sem binóculos, os garotos viram coisas que eram sempre desmentidas pelos sacerdotes do Templo dos Dois Pratos.

Então, os meninos ficaram mal-comportados e abriram suas boquinhas, que estavam fechadas há muitos anos, como seus pais. Daí, como havia um silêncio quase total na Ilha da Paz, suas tímidas palavras soaram com grande estardalhaço. Imagine que eles estavam querendo recitar, cantar, ler obras não oficiais! Mais ainda: achavam



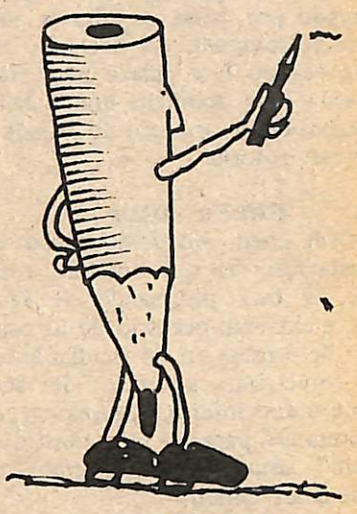
que os cidadãos trancafiados nas masmorras porque não gostavam do tom de verde das palmeiras deveriam ser soltos.

A situação piorou quando os garotos andaram falando que os cocos e as bananas não estavam sendo distribuídos igualmente para todos. Por isso, ganharam a simpatia de muita gente, que começou a abrir os olhinhos há tanto tempo fechados.

Os sacerdotes do Templo dos Dois Pratos, que estavam consultando seus oráculos para ver o futuro que os deuses estavam reservando para o reino, ficaram possessos. O centurião-mor começou a agir.

Como todos os bons meninos devem ir à escola, eles aproveitavam quando estavam todos juntos para falar e irritar o centurião-mor; da mesma forma, o feitor da escola ficou muito zangado. Então, alguns dos meninos foram expulsos e outros acabaram afastados das salas de aula durante algum tempo.

Moral da história: *você acha que uma história assim pode ter isso que se chama de moral?* **(C.K.I.)**



PALMEIRAS 4, CORÍNTIANS 2.

Agradeço a Toninho e Jorge Mendonça por uma graça alcançada **(AF)**

XEROX também é com o FOTO ZEZINHO

ASSINE O JORNAL DE 2a. UM JORNAL LIDO ATÉ POR QUEM NÃO GOSTA.

PINHO EM GERAL
MADEIREIRA JOBB
REFLORESTAMENTO - FAZENDA SHANGRILA Km 150 - RODOVIA DO CAFÉ - MUNIC. TIBAGI
MATRIZ
PONTA GROSSA – PARANÁ
FILIAL DE JUNDIAÍ
AV. ITATIBA, 440 – C.P. 513 – CEP 13.200
TEL. 434.4763 – Sr. Alpheu

CONHEÇA O BRASIL.
Existem muitos roteiros para você escolher
Venha nos visitar, ou consulte-nos
TURISMO CHICHIMATO Ltda.
Rua Barozzini do Japi, 260
Fones: 436-7004 e 436-0562



O VEREADOR PROPÕE: VAMOS DISCUTIR A POLUIÇÃO?

Neste segundo semestre da atual legislatura, que se inicia nesta semana, os vereadores não vão apreciar, nem votar um importante trabalho do mais jovem vereador, Ariovaldo Alves, sobre a poluição em Jundiaí. O resultado de mais de mil páginas lidas durante o mês passado, vai servir apenas para levantar o problema.

Ariovaldo, num estafante trabalho de paciência, leu o projeto do Planidro sobre a construção da estação de esgoto e o relatório da Engevix sobre a poluição. Estas firmas analisaram a situação de Jundiaí e realizaram estudos hidrológicos para evidenciar os efeitos da urbanização nos rios e a distribuição de água.

– Esses dados – fala o vereador – são conclusivos. Nada protege nossos manaciais de água, que estão se deteriorando por causa da falta de polícia, principalmente na bacia do rio Jundiaí-Mirim. E a cidade pode ficar sem água caso aconteça um acidente nas lagoas de decantação dos resíduos da Cereser e Borin.

FALTA ÁGUA

Além disso, Ariovaldo encontrou a constatação de que Jundiaí, atualmente, já está precisando de água. Existe a extrema necessidade da construção da represa no rio Jundiaí-Mirim para regularizar a vazão de água durante o ano inteiro. Segundo ele, essa represa era para ter sido construída "ontem", sem falar no precário serviço de abastecimento.

O vereador ainda não completou seu trabalho, o que deverá ocorrer dentro dos próximos dias. A partir disso, ele pretende se reunir com alguns técnicos para elaborar um relatório completo a respeito da situação em Jundiaí. Mas, adianta algumas considerações e medidas.

REPRESA É FUNDAMENTAL

Segundo um histórico de cerca de 300 páginas, preparado pela Planidro, o crescimento da cidade ocorreu entre 1950 a 1970. Dentro desse período, uma série de fatores, foram levados em consideração, menos com a poluição, trazida pelo desenvolvimento da cidade. Por isso, é fundamental a construção da represa.

Mas não é apenas isso. Para Ariovaldo será preciso criar uma polícia na bacia do rio Jundiaí-Mirim, determinar que órgão seria responsável por esse trabalho e elaborar uma legislação específica e eficiente. O mais importante, contudo, seria motivar uma transformação da ideologia que está motivando o progresso.

– Nós temos que fazer as empresas entrarem na briga da poluição, que é violenta nos rios e pode provocar um colapso no abastecimento de água da cidade. As indústrias, hoje, poluem igual 450 mil habitantes. Só a Duratex polui mais do que toda a população de Jundiaí. Vamos falar com a FIESP-CIESP para fazer os industriais dividirem os custos com a Prefeitura para a construção dos emissários de seus resíduos. Assim, eles seriam jogados no rio depois do ponto onde deverá ser instalada a estação de tratamento de esgoto.

SOLUÇÃO ECONÔMICA

Essa idéia da divisão das despesas é do engenheiro José Pedro Rosell Baldris, o atual superintendente do DAE. É que os custos dessas obras são muito altos. Então, em vez das indústrias construírem todas as instalações para impedir que seus resíduos poluam, seria muito mais econômico elas se associarem à Prefeitura na construção dos emissários, a serem colocados nas margens ao longo dos rios.



Ariovaldo: um mês de trabalho:

– O relatório que vamos preparar – esclareceu Ariovaldo – será mandado ao DAE, ao prefeito, vereadores, industriais, para fazer com que a cidade comece a pensar no problema da poluição, atualmente bastante sério em Jundiaí. Daqui a dez anos, se não for feito nada, será muito pior, porque isso cresce em proporção geométrica. O problema da poluição é ligado com o sistema viário e a ocupação do solo, por isso é bastante complexo e de difícil solução a curto prazo. E não existe solução em nível local. Ela tem que ser regional.

COMISSÃO MULTIDISCIPLINAR

Especificamente, no relatório haverá um estudo simples da poluição, com conteúdo básico para informar o necessário, as possíveis soluções e, principalmente, a exigência de que se discuta o assunto intensamente. Mas isso deve ser feito por quem? Pelos técnicos somente?

– Deverá ser formada uma comissão multidisciplinar – explica Ariovaldo – para que surjam soluções reais e definitivas, não paliativos. Teremos que sensibilizar as pessoas que podem atuar dentro de uma certa esfera de decisão para que surjam as soluções partindo de vários conhecimentos de áreas específicas. Nós temos cientistas capacitados para isso. E não são apenas técnicos.

É com essas pessoas que Ariovaldo quer verificar os relatórios da Planidro e da Engevix, porque "os documentos foram feitos segundo uma visão: a do escritório que é pago para desenvolver um trabalho". Ele aponta também um sério problema que aflige a cidade sem que qualquer medida tenha sido tomada:

– Não existe nenhum estudo mais social a respeito da poluição. Ninguém sabe sobre as consequências sociais da poluição. Por exemplo, quais os males que os habitantes de Jundiaí têm por causa disso? Nós apenas fazemos uma idéia intuitiva, o que não basta. É preciso pôr um sociólogo na Prefeitura.

Essa atenção para os problemas sociais para Ariovaldo é fundamental. Tanto quanto a importância de convocar os cidadãos jundiaienses para participar da discussão sobre a poluição. Só que ele não se ilude em obter resultados imediatos. Ele está consciente que motivar a população e os industriais vai requerer um grande esforço. E isso será só o começo.

A CAMARA, DEPOIS DO RECESSO.

Neste temível mês de agosto, a Câmara Municipal vai reiniciar seu trabalho com perspectivas de mudanças. Durante o fim do mês passado, uma comissão de vereadores esteve reunida para estudar as alterações que devem ser feitas no Regimento Interno da Câmara, portador de graves defeitos.

Nesse regimento existem alguns artigos que chegam a ser contraditórios com outros. E não houve a criação de maiores problemas graças à longa experiência legislativa do presidente da Câmara, Lázaro de Almeida. Para evitar que os trabalhos tropecem nas imperfeições, foi requerida a formação da comissão, presidida por Tarcísio Germano de Lemos.

Por sua vez, o vereador Antonio Tavares está às voltas com um anteprojeto para a reformulação da feiras-livres. Segundo ele, existem alguns problemas que atrapalham seu perfeito funcionamento e a adequação às atuais condições da cidade. Ele tem se reunido com os feirantes para a elaboração desse documento. Caso o prefeito aprove, o Executivo deve enviar um projeto à Câmara, já que esse assunto é de sua exclusiva competência.

O asfalto na zona rural é, atualmente, a maior preocupação do vereador Duílio Buzanelli. Enquanto isso, seu companheiro Henrique Franco cuida de um assunto particularmente complexo: casas populares. E também a formação de uma comissão de defesa do consumidor e estudos dos males sociais que enfrentam os moradores dos bairros periféricos da cidade.

Por outro lado, a Prefeitura já enviou à Câmara o projeto da concessão de auxílio-viagem aos estudantes jundiaienses, o veto parcial à lei que criará as ruas de lazer na cidade, entre outros trabalhos.

De resto, a mesma aparente harmonia que reinou durante o primeiro semestre deverá permanecer. Os vereadores de ambos os partidos estão, cada qual à sua maneira, satisfeitos com a atuação do prefeito. Pelo menos eles têm podido circular livremente pelo gabinete do sr. Pedro Fávaro.